

**EUZA VIRGINIA CAGNATO**

**PRAÇA AFONSO BOTELHO: O FOCO DAS OBSERVAÇÕES NO ÂMBITO DO  
ESPORTE E DO LAZER.**

Dissertação de Mestrado apresentada como  
pré-requisito para a obtenção do título de  
Mestre em Educação Física, no  
Departamento de Educação Física, Setor de  
Ciências Biológicas da Universidade Federal  
do Paraná.



**CURITIBA  
2007**

**EUZA VIRGINIA CAGNATO**

**PRAÇA AFONSO BOTELHO: O FOCO DAS OBSERVAÇÕES NO ÂMBITO DO  
ESPORTE E DO LAZER.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Simone Rechia**



## **Agradecimentos, e lembranças...**

Enfim esta etapa se finda, e com ela a sensação de alegria permeada por um misto de ansiedade e de alívio. Sensação esta que faz lembrar e refletir sobre tudo que aconteceu durante esta caminhada. E, portanto, agradecer a todos que de certa forma participaram destes momentos: amigos, professores e familiares.

**Agradeço em especial:**

**Ao Professor Wanderley Marchi Junior por acreditar que eu poderia, e assim abrir as portas para propiciar este reinício.**

**À Professora Simone Rechia, pela acolhida entre os seus, possibilitando meu desenvolvimento, transmitindo sua experiência, conhecimento e dedicação a esta causa tão complexa e instigante chamada Lazer.**

**Aos Professores Herivelto Moreira e Ciméa Bevilaqua pela contribuição, e empenho na análise desta pesquisa,**

**Aos companheiros de sucessos, e principalmente das agruras, Camile, Kiko, Beth, Marquinhos, Tati e Vivi, pela incansável motivação e compreensão.**

**Ao Airton pelo apoio, sempre com carinho e afeto e por confiar em minha capacidade, ainda que eu continue duvidando.**

**Aos meus pais por me ensinarem o valor do comprometimento e da lealdade aos meus princípios.**

**Aos meus irmãos pelo encorajamento, aos sobrinhos pela alegria que me dão e aos amigos que considero irmãos, por sua torcida.**

**Aos entrevistados pela colaboração e por compartilhar suas idéias.**

**A Edna Conte pela assessoria em revisar todo o manuscrito.**

**E como não poderia ser de outra forma, dedico este esforço em forma de dissertação, a dois usuários das praças de Curitiba, que são a luz da minha vida: BRENO E DAVI, com todo meu amor.**

## Resumo

Curitiba foi reconhecida como cidade planejada a partir da década de 70. Ao lado da administração técnica, de responsabilidade de um grupo de gestores, várias transformações aconteceram. Em função da mudança no sistema de transporte coletivo, no desenho da cidade, e buscando a preservação das áreas verdes como parâmetros para melhorar a qualidade de vida dos habitantes, procurou-se estabelecer uma relação de identidade da população com a cidade, seus espaços e símbolos, criando um laço afetivo fortemente baseado na melhoria da condição de vida de uma cidade. Neste caso, as transformações das cidades, como Curitiba, mostram um panorama que permite uma reflexão: nestes espaços criados, como as Praças de Curitiba, quais as experiências no âmbito do esporte e do lazer, possibilitadas aos seus usuários? As Praças são espaços criados para o convívio das pessoas, portanto esta questão se justificou, pelo rico potencial que as praças podem oferecer a estas experiências e para os grupos sociais. As análises das relações e das práticas vivenciadas nestes ambientes podem representar uma contribuição para que outras atividades e novas experiências aconteçam. Portanto, tivemos como objetivo principal para este estudo, analisar algumas praças, da cidade de Curitiba, enquanto espaços de realização das experiências no âmbito do esporte e do lazer, através dos objetivos específicos que foram: mapear algumas praças e os equipamentos destas, destinados às práticas no âmbito do esporte e do lazer da cidade de Curitiba; identificar quais as práticas no âmbito do esporte e do lazer que se efetivam nestas praças; investigar as formas de usos e de apropriação da Praça Afonso Botelho, verificando como se dá a organização dos grupos sociais nesta praça. Esta pesquisa foi realizada com uma abordagem qualitativa, inspirada na etnografia, seguindo como referencial, o modelo de análise cultural de Geertz (1989), desenvolvendo uma “descrição densa”, das observações do cotidiano. Encontramos relações significativas da aproximação dos usuários com as praças, com as experiências no âmbito do esporte e do lazer, além da relação com outros usuários, propiciando o surgimento de grupos, que denominamos de bloco, vitrine e passarela.

## **Abstract**

Curitiba was recognized as a planned city from the seventies. To the side of the technique administration, of responsibility of a group of managers, some transformations had happened in Curitiba. Due to the change in the Public Transportation System, in the drawing of the city, and in a search for the preservation of the green areas as parameters to improve the quality of life of the inhabitants, among others, the intention was to set up a relation between the city and the population identity, a strong feeling of affection base on life conditions improvement of the city, its spaces and landmarks, creating an affective lace. In this specif case the cities transformations like Curitiba, shows a panorama that allows a reflection: in these planned spaces, like the Squares of Curitiba, what experiences in the context of the sport and the leisure, are available, to its users? The squares are built spaces to offer to the people the oportunity to live with themselves. For us this question was justified, because of the great potential that the squares can offer to those experiences and for the social groups. The relations and practical experiences analisis in those sourrounding could represent a meaningful contribution for other activities and new experiences take place. Therefore, we had as main objective for this study, to analyze some Curitiba city squares, like accomplishment spaces of experiences in the scope of the sport and the leisure, through specific objectives that had been: to map some squares and their facilities for practicing in the scope of the sport and the leisure of the city of Curitiba; to identify what practices sports and leisure fields are done in those places; to investigate ways of using and taking control of Afonso Botelho square and verifying how the social groups organize themselves in these square. This research was carried through with a qualitative approach, inspired in the etnograf, using Geertz (1989) Cultural Analysis Model as reference developing a dense description of observations on daily basis. We can find significant relationships between the square users and the sport and leisure experiences, as well as another square users, offering the built of new groups called block, window and catwalk.

## **Lista de Siglas**

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

SMMA – Secretaria Municipal de Meio Ambiente

SMEL – Secretaria Municipal de Esportes e Lazer

SMS – Secretaria Municipal de Saúde

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PMC – Prefeitura Municipal de Curitiba

CIC - Cidade Industrial de Curitiba

## Sumário

Resumo .....	iv
Abstract .....	v
Lista de Siglas .....	vi
Capítulo 1: Introdução .....	2
Praças de Curitiba: espaços que possibilitam as experiências no âmbito do lazer? .....	2
Espaços e Lazer: .....	13
Capítulo 2 .....	26
Curitiba e a gestão pública: .....	26
Instituições públicas e as praças: .....	35
Capítulo 3 .....	46
Praças de Curitiba, nosso elenco, nossa visão... ..	46
1. Praça da Colonização Menonita. ....	47
2. Praça Abílio Abreu .....	48
3. Praça da Liberdade .....	49
4. Praça Zumbi dos Palmares .....	50
5. Praça Antônio Bertolli .....	52
6. Praça Mané Garrincha .....	53
8. Praça Ouvidor Pardino .....	55
9. Praça Oswaldo Cruz .....	56
10. Praça Brigadeiro do Ar Mário Calmon Eppinghaus .....	58
11. Praça do Semeador .....	59
Capítulo 4 .....	60
Caminhos metodológicos: .....	60
Capítulo 5 .....	65
Praça Afonso Botelho: o foco de muitas observações... ..	65
Praça Afonso Botelho: outros motivos para a escolha... ..	66
Constituição da praça: equipamentos .....	68
Usuários: a hora e a vez da observação: .....	70
O Futebol ou ... Bloco: .....	71
O Skate e a Vitrine: .....	74
O Voleibol ou a Passarela? .....	80
Atalho: .....	83
Círculo: .....	85
Lazer e lazer nos fins de semana: .....	86
Nossas Considerações: horizontes... ..	88
Referências: .....	98

## Capítulo 1: Introdução

### **Praças de Curitiba: espaços que possibilitam as experiências no âmbito do lazer?**

Vivenciamos atualmente uma fase de desenvolvimento das cidades, de novas tecnologias, de mudanças no que se refere à vida nos centros urbanos. Este panorama é comum a muitas cidades, pois há um aumento da população, não apenas através do crescimento das famílias que já habitavam nestes centros, mas em geral, de pessoas vindas de outros lugares, em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Este crescimento populacional acarreta um crescimento das áreas ocupadas das cidades como um todo. Algumas áreas são ocupadas pela instalação de empresas e indústrias, ou por novos loteamentos, ruas e bairros. As cidades se expandem pela ocupação das terras, porém há uma redução do espaço livre em virtude desta expansão.

As praças são espaços públicos livres destinados ao convívio e ao lazer dos cidadãos, para Robba e Macedo (2003) e para Rechia (2003), servem para interromper um bloco de edificações e se localizam na confluência de ruas. Sendo assim, percebemos a relação das praças no desenho geográfico das cidades, pois além de ordenarem o espaço urbano, promovendo um fluxo para pedestres e para os veículos, ainda contribuem como núcleo de convívio para a população, e servem como ambientes que favorecem o lazer dos moradores do entorno.

Em Curitiba, a preocupação com o desenvolvimento urbano iniciou em meados do século XIX, visto que a região ao redor das casas era formada por terrenos alagadiços, desnivelados e que serviam de passagem para os habitantes ou de pastagem para os animais. Tomados pela concepção higienista<sup>1</sup>, copiada do mundo europeu, devido ao

---

<sup>1</sup> Higienista seria a concepção que trouxe a idéia de que as doenças advém da estagnação de água, e dos resíduos produzidos pelo homem e pelas indústrias e, portanto, há a necessidade de se acabar com esta

surto industrial, porém necessária pelas condições dos terrenos pantanosos em que a cidade se erguia, os políticos desta época defenderam a instalação de espaços que auxiliassem na preservação da saúde dos moradores, com o nivelamento de terrenos, preservação de áreas verdes, e saneamento de rios e córregos (SEGAWA, 1996; BAHLS, 1998; RECHIA, 2003).

Foi no final do século XIX, que as primeiras praças foram construídas com a finalidade de reunir obras, ajardinamento, monumentos, melhorar a estética da cidade, e ser para a comunidade um ponto de encontro. A Praça Tiradentes foi levantada, no local onde surgiu a primeira Capela, hoje a Catedral Basílica de Curitiba. Esta Praça, no entanto, teve já na sua concepção, a finalidade de ser lembrada como marco zero, a partir de onde Curitiba se desenvolveu. Em seguida outras praças foram construídas, como a Praça Carlos Gomes, Santos Andrade, Generoso Marques com a mesma intenção de melhorar a estética, e o traçado da cidade que rapidamente crescia. Eram nestes espaços que aconteciam apresentações de bandas e de companhias circenses, touradas, eventos militares e comemorações cívicas (BAHLS, 1998).

Entretanto, com o passar dos anos, essas atividades realizadas nestas praças se modificaram. Estas comemorações e eventos que ocorriam para a fruição da população no século XIX, nestas praças, foram deslocados para outras regiões da cidade, afastadas do núcleo central urbano, em virtude do aumento da população e da necessidade de ampliar a cidade e o seu traçado. No início do século XX, os espaços de lazer foram criados em outros bairros, longe do núcleo urbano, da mesma forma que a população que chegava se instalava na periferia da cidade.

---

estagnação para resolver outros males. Esta concepção auxiliou no surgimento da engenharia sanitária, no século XVIII, responsável entre outras atividades por desenvolver projetos de melhoria para as cidades no auge do progresso, solucionando questões como o lixo e esgoto. (FRANCO *apud* RECHIA,2003)

Curitiba tem hoje 416 praças, distribuídas em nove regionais<sup>2</sup>. Estas regionais são: Boqueirão, Bairro Novo, CIC, Pinheirinho, Portão, Boa Vista, Santa Felicidade e Cajuru, além da Matriz, num total de 75 bairros. A regional Matriz, que deu origem ao desenho estrutural da cidade, é onde encontramos a maior concentração de praças, em número e em área (m<sup>2</sup>).

Esta concentração de praças na regional Matriz parece estar relacionada ao fato de ter sido neste núcleo que iniciou o desenvolvimento da capital paranaense. Esta regional é composta por 18 bairros, e hoje tem aproximadamente 202 mil moradores.

Segundo Bahls (1998), estes bairros são os mais antigos da capital e foram as primeiras áreas povoadas e estruturadas na cidade tanto pela forma como a população iniciou a ocupação no século XVIII, como pela influência da construção da estrada de ferro que ligava a cidade ao litoral. Nesta regional encontra-se o bairro do Centro Cívico, que além de abrigar o núcleo dos órgãos públicos da cidade e do Governo, como o Palácio Iguaçu (sede do Governo Estadual), o prédio da Prefeitura, da Assembléia Legislativa, Tribunal de Justiça, entre outros, também é conhecido pela infra-estrutura de comércio e serviços. Outra característica desta parte da cidade é a ampla malha comercial, de prestação de serviços, além de áreas essencialmente residenciais, com padrão econômico elevado, segundo dados de renda da população, obtidas em registros do IPPUC (IPPUC 2005).

As primeiras praças construídas na cidade, que se localizavam nestes bairros centrais, antigamente serviam para o lazer dos habitantes. Hoje abrigam terminais de

---

<sup>2</sup> São espécies de subprefeituras, encarregadas dos bairros de cada uma das nove regiões em que Curitiba está administrativamente subdividida. As Administrações Regionais identificam e estabelecem prioridades; promovem formas e métodos de execução de projetos comunitários; desenvolvem o planejamento local de modo compatível com as condições e a legislação vigente, de forma a instrumentalizar as ações concretas definidas pela municipalidade; promovem a interligação do planejamento local ao planejamento da cidade como um todo. Acompanham, de maneira integrada, as ações das secretarias municipais dentro de suas áreas-limites, e participam da organização de seus serviços. Apresentam alternativas de obras e serviços que satisfaçam as perspectivas da administração e da população. Fornecem à comunidade informações e atendimentos, dentro dos limites de sua competência, ou os encaminham aos órgãos competentes. Disponível em <<http://www.curitiba.pr.gov.br>> Acesso em 03 de dezembro de 2005.

ônibus, monumentos e servem como passagem e ponto de referência para os moradores da cidade.

A segunda maior concentração fica no setor industrial, na recém criada regional que recebe o nome de CIC (Cidade Industrial de Curitiba), que até janeiro de 2006 se dividia em três regionais. A CIC foi implantada na década de 1970, para reunir não apenas as indústrias, mas serviços e habitação em um único bairro, característica peculiar de Curitiba, diferentemente do que ocorreu nas demais capitais brasileiras que possuem um distrito industrial isolado (IPPUC, 2005). A concentração populacional é a maior de toda a cidade, o que demonstra a ocupação desta área considerada recente, e que segundo os gestores, foi planejado para ser referência de integração de desenvolvimento industrial, com qualidade de vida, para a chamada “capital ecológica”, conforme encontramos nos dados do IPPUC (IPPUC 2006).

Entretanto, muitas destas praças não possuem nome, e sequer equipamentos. Algumas, são o espaço livre em um final de rua, sem qualquer condição de uso. Outras, como a Praça Escola Teutônio Vilela<sup>3</sup>, possui apenas um bosque que não convida à nenhum passeio, pois, trata-se de uma área com grande vegetação mas sem limpeza aparente, sem segurança, iluminação ou qualquer outra benfeitoria, apenas murada em parte de sua extensão.

Atualmente, encontramos nos bairros de Curitiba, praças com diferentes funções, ou criadas com concepções diferentes. Há praças como a Osvaldo Cruz, Ouvidor Pardino, Afonso Botelho, da Colonização Menonita, entre outras, que foram transformadas em centros esportivos, em que a grande ênfase está nas práticas esportivas sistematizadas como o futebol e o voleibol.

---

<sup>3</sup> Esta praça tem a maior área da cidade, 65 mil m<sup>2</sup>, seu nome está vinculado à escola que fica ao lado, mas este espaço não possui equipamentos, o que para nós não configura uma praça com finalidade voltada para o esporte e o lazer, apesar de constar do referencial do IPPUC e da SMMA, como Praça, é um bosque.

Dentre as práticas que aconteciam nas primeiras praças do século XIX, a que ainda é realizada nos dias atuais, é a caminhada. A caminhada nos anos de 1800, era copiada do modelo de estilo de vida europeu, chamada de *footing* (BAHLS, 1998).

Assim como as primeiras praças construídas em Curitiba, foram um ponto de encontro para a população e serviram para a realização de eventos públicos, estas outras praças, tornaram-se referência para a prática de atividades esportivas sistematizadas.

Porém, as praças como a Praça da Colonização Menonita, Praça Zumbi dos Palmares, Afonso Botelho, entre outras, podem ser consideradas como parques de bairros, de acordo com a descrição que Jacobs (1996) faz da configuração destes parques. As praças são mais numerosas que os parques específicos, se destinam a usos triviais, como pátios públicos, e mantêm certos princípios básicos dentro do planejamento urbano.

Estes espaços surgiram como a extensão de ruas, que devido à grande movimentação de automóveis, perderam sua essência, de servir como ponto de encontro dos moradores especialmente nas grandes cidades. Para o IPPUC, as praças existem para “devolver o espaço para a fruição da população”, conforme nos disse o Sr. Lourival Peyerl<sup>4</sup> (2005).

Segundo Jacobs (1996), planejadores e urbanistas costumam fazer referências aos parques de bairro, como elementos necessários no desenvolvimento de uma cidade quanto aos seus usos, pois podem servir como áreas que podem salvar as cidades da poluição. A autora alerta para os enganos que acontecem, pois na realidade as proporções, para que as árvores absorvam o dióxido de carbono produzido pelo homem é de 12 mil m<sup>2</sup> para cada quatro pessoas.

---

<sup>4</sup> Chefe do Banco de Dados do IPPUC, em entrevista realizada em 14 de dezembro de 2005.

Ou seja, em Curitiba, uma praça como a Praça da Colonização Menonita que tem 26 mil m<sup>2</sup>, serviria apenas para resolver este problema criado por aproximadamente oito pessoas. Mesmo assim, a cidade possuindo um percentual de área verde de 51 m<sup>2</sup> por habitante, e este ser um dos melhores índices de áreas verdes do país totalizando aproximadamente 81 milhões de m<sup>2</sup>, segundo a PMC<sup>5</sup>, está longe de ser o ideal, quando falamos em poluição e em melhoria do ambiente.

Outra relação que planejadores e urbanistas costumam fazer, é de que as praças servem para melhorar o valor imobiliário de uma região. Segundo Jacobs (1996), este é fato é comum, pois, em alguns casos, as praças são alternativas que os técnicos do planejamento urbano encontram para valorizar as mudanças de certas áreas das cidades, e em outras situações, técnicos em assuntos imobiliários citam as praças nas proximidades de imóveis, como benfeitorias para melhorar a venda e o valor destes.

Porém, o que a história de certas regiões e certos parques e praças nos mostram, é de que são as pessoas que transformam lugares e não os lugares que transformam as pessoas.

Para exemplificar, podemos citar o caso da Praça Abílio Abreu, em Curitiba, que está localizada às margens da BR 116, num trecho em que esta passa por uma área residencial de alto padrão econômico, e do outro lado se localiza uma vila, antigamente área invadida por famílias de baixa renda.

Esta praça, no entanto, não parece ter sido apropriada pelos moradores do seu entorno, devido ao seu estado de conservação e limpeza. Equipamentos quebrados, lixo espalhado, pouca iluminação, é o cotidiano deste espaço. Diferentemente do que ocorre em outras praças que têm equipamentos quebrados devido ao uso, esta praça

---

<sup>5</sup> Disponível no endereço eletrônico <<http://www.curitiba.pr.gov.br>> Acesso em 02 de outubro de 2006.

certamente não é usada, e os equipamentos se quebram pela falta de conservação, pela falta de uso, e pela conseqüente falta de solicitações para que a manutenção aconteça.

Mas a questão que envolve esta praça é: por que as pessoas não se apropriam deste espaço? A localização e os equipamentos poderiam motivar para que houvesse a tal apropriação?

Acreditamos que a população de baixa renda, que mora do outro lado da BR116, certamente poderia se beneficiar desta área de lazer, enquanto que os moradores das casas ao redor desta praça não parecem utiliza-lá, pois podem ter seus espaços privados de lazer. No sentido restrito da palavra privado, queremos focar o oposto ao público, mas também, a não ocupação, o sentimento de não pertencimento e de não propriedade de um espaço, neste caso, o público.

Porém, no outro lado da BR, dificilmente haveria um espaço com estas características de terreno, para que existisse uma praça como esta, pois a ocupação das áreas ocorreu de forma desordenada, sem resguardar um espaço livre, o que poderia ser muito valioso para aquela comunidade. Desta forma, não há possíveis apropriações desta praça.

Como nos diz Jacobs (1996), sobre o desempenho que os planejadores esperam para as praças, é que sejam um espaço para a comunidade usufruir, mas a localização, tipos de equipamentos, manutenção, enfim o planejamento para que as praças sejam efetivamente apropriadas, merecem destaque.

Neste caso percebemos que a localização deste espaço não permite que esta praça seja cuidada, preservada, apropriada. Quando perguntamos a SMMA, sobre a manutenção das praças, nos disse o Sr. Sergio Galante Tocchio<sup>6</sup>:

---

<sup>6</sup> Diretor do Departamento de Parques e Praças, da Secretaria Municipal do Meio Ambiente - (SMMA) da Prefeitura Municipal de Curitiba, em entrevista cedida em 29 de março de 2006.

Nós queremos envolver as empresas e a comunidade em geral para que as pessoas continuem adotando não só no nome, enfim tudo, a praça como uma propriedade sua. O que a gente observa muito, aquela coisa assim: isto é da prefeitura, não é meu.

Esta situação nos remete para a questão da mudança no domínio público e privado a que Sennett (1998, p.30), se refere: “público significava aberto à observação de qualquer pessoa, enquanto privado significava uma região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos”. Dessa forma, parece que há uma distância entre o que se pode fazer no espaço público e no espaço privado. Há um desentendimento sobre o pertencimento dos bens ditos públicos e privados, para que as pessoas cuidem, e usufruam destes espaços públicos.

Segundo Certeau *et al* (1996), o espaço privado da residência é mais íntimo, enquanto o espaço do resto da cidade, inclusive o bairro é desconhecido.

Em alguns casos percebemos que esta situação é bastante diversa, segundo o discurso do representante do IPPUC:

Nós já tivemos vários exemplos, como no Ribeirão dos Padilhas. Nós tivemos a retirada de parte da população que estava em condições muito inadequadas ao longo do riacho e onde nós conseguimos após a retirada, implantar áreas de lazer, jamais foi invadido... Porque ele não vai invadir? Para eles isto é também um valor da cidade. Então não é uma área abandonada. Ali tem dono.

O que parece acontecer é que para as pessoas que não possuem espaços em suas residências, ou outras opções de espaços de lazer, aquela área, naqueles locais em que houve uma (re) urbanização e surgia um espaço para o lazer, estas áreas eram respeitadas, enquanto que outras que eram deixadas vazias, eram novamente invadidas.

Para Certeau *et al* (1996, p.42), este aparente cuidado com o espaço público retrata nos comportamentos,

um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse preço a pagar (saber comportar-se, ser conveniente) o usuário se torna

parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana.

Seguindo este enfoque do autor, percebemos que para aquelas pessoas que necessitam de espaço, de áreas para o esporte e o lazer, de programas que ajudem a integração das comunidades, uma praça pode ser uma alternativa esperada para que o uso, a transformação deste espaço ocorra. E para aquelas pessoas que têm outras opções de lazer, como clubes e associações, ou espaços nos seus quintais e jardins, talvez permaneçam dentro de seus muros, pois não parecem se preocupar com a praça que fica na rua da sua casa. Parece-nos que este é o caso da Praça Abílio Abreu.

Desta forma, enfocamos outro aspecto que Jacobs (1996) considera a respeito das praças e dos seus usos, quando o senso comum diz que “usos de baixo status expulsam os usos de alto status”, o que se vê no caso da Praça Abílio Abreu, como exemplo, é que as pessoas que moram no entorno e que são consideradas de alto “status”, pela questão econômica não se apropriam deste espaço, talvez por terem outras opções e talvez outras prioridades. E as pessoas que poderiam usufruir deste espaço, ficam impossibilitadas pela fronteira visível da rodovia, e invisível da classe econômica da região em que esta praça está localizada. Também desta forma, não vão lutar para que este espaço seja conservado, pois provavelmente existem estes aspectos que dificultam a fruição.

Para Jacobs (1996), para que um parque de bairro (praça)<sup>7</sup> tenha sucesso na sua ocupação, têm a ver com os diferentes tipos de público que constituem o seu entorno, o seu bairro. Uma praça numa área essencialmente residencial será ocupada apenas por estes moradores, e nos períodos em que estes tenham disponibilidade para usarem estes

---

<sup>7</sup> Jane Jacobs no livro *Morte e Vida das Grandes Cidades*, conceitua os diferentes tipos de parques urbanos. Entre eles dá destaque aos parques de bairro, considerando como estes parques a maioria das praças das cidades contemporâneas, pela sua configuração, usos e distribuição numérica. Portanto, seguindo sua classificação, consideramos as praças analisadas neste estudo como parques de bairro.

espaços. Portanto, uma praça precisa mais do que moradores no seu entorno. Precisa de vários tipos de público, composto por trabalhadores, moradores, crianças, jovens, adultos, enfim uma diversidade de pessoas que irão ocupá-lo nos diferentes períodos dos dias, em diferentes dias da semana.

Então podemos considerar que bairros essencialmente residenciais, ou industriais, ou ainda comerciais não trarão diversidade de pessoas para os parques de bairro ou praças, e, portanto, seus usos, sua ocupação também será restrito ao público que ocupa o seu entorno.

Um bairro, para Certeau *et al* (1996, p.40), é:

um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano, na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se portanto, apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano deste espaço.

Este uso cotidiano do espaço público, ou a ocupação de uma praça, também segue, segundo Jacobs (1996), alguns princípios básicos os quais fazem com que alguns sejam apropriados e outros não, são eles: complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial.

Quanto à complexidade, podemos compreender a variedade de opções que uma praça oferece na sua constituição, tanto em termos de elementos naturais, como de equipamentos. Assim sendo, uma praça que tenha complexidade no que diz respeito à sua configuração de terreno, de mobiliários e equipamentos, estimula a presença de várias pessoas ao mesmo tempo ou em períodos diferentes, mas, sobretudo encoraja o retorno destas pessoas em outras ocasiões, para outras atividades, outros usos.

Com relação à centralidade, podemos dizer que esta característica também é um elemento que compõe a complexidade de uma praça, pois o torna interessante a partir do

momento em que as pessoas que utilizam esta praça reconhecem seu elemento central, em alguns casos um jardim, uma estátua, ou uma fonte, em outros casos, uma quadra de futebol, ou a pista de *skate*. Seria como uma referência, um destaque.

A insolação é importante não apenas para aqueles que, habitando em residências em que não seja possível sentar-se ao sol, o buscam em espaços abertos, mas ainda pela possibilidade de sentar-se à sombra de árvores, em um dia quente e ensolarado. Este espaço livre também colabora para a ventilação das ruas e imóveis.

E quanto à delimitação espacial, talvez este seja o quesito que mais influencia para que um parque ou praça venha a ser ocupado, apropriado pela população. A delimitação espacial tem a ver com a localização na cidade, com a proporção, com a sensação que dará a quem passa, a quem o escolhe. Neste critério da delimitação espacial, talvez esteja mais nitidamente o poder simbólico de um lugar, ou como diz Tuan (1980) os laços afetivos que as pessoas estabelecem com um espaço.

Esta questão do poder simbólico resultante do vínculo com um lugar para Jacobs (1996) deve-se à associação de fatores que as pessoas interpretam como sendo bons ou não. Enquanto para Tuan (1980), esta relação que as pessoas estabelecem com o meio ambiente material, a topofilia, é diferente em “intensidade, sutileza e modo de expressão”, isto porque são resultantes dos sentidos pessoais e individuais. Estão ligados às lembranças, às sensações que se pode obter a partir das relações com o espaço.

Outra questão que pode influenciar para que as praças sejam apropriadas por seus habitantes é a oferta de serviços, afirma Jacobs (1996), desta forma uma praça pode vir a ter significado e valor para um bairro. No caso das praças em Curitiba, encontramos em algumas destas, uma unidade da SMEL (Secretaria Municipal de Esportes e Lazer),

chamada de “Centro de Esportes e Lazer”, que nada mais é que a descentralização desta instituição pública e que, segundo Simone Chagas Lima<sup>8</sup> em entrevista:

Tem o objetivo de melhorar a qualidade de vida do cidadão e ofertar uma atividade sistemática para que o hábito de vida dele mude, seja na área do esporte, seja na área da atividade física.

Mas quanto à comunidade, será que estas condições das praças, ou dos parques de bairro conforme Jacobs (1996), são critérios que realmente influenciam nos usos destes espaços? Que espaços são estes? Como surgiram, e para que?

### **Espaços e Lazer:**

O que procuramos retratar neste momento é a configuração do espaço geográfico como ponto de partida para o entendimento das relações sociais no espaço urbano.

Luchiari (1996) defende a importância do estudo dos espaços para a compreensão da articulação e organização da sociedade, visto que podem se tornar uma mercadoria, ou uma forma de subjugar os menos favorecidos. A autora complementa sua tese, discutindo alguns conceitos de vários autores<sup>9</sup> como Foucault, Habermas, La Blache, Santos entre outros registrando que o espaço, suas transformações, apropriação e o uso que lhe é dado, possibilitam o entendimento de relações entre estruturas, sociedade e pessoas. Segundo a autora, a compreensão da categoria espacial bem como as formas de dominação, impostas pelo sistema econômico, ou das alternativas que surgem do

---

<sup>8</sup> Superintendente da SMEL, professora de Educação Física, em entrevista cedida em 01 de novembro de 2006.

<sup>9</sup> No trabalho: **A categoria espaço na teoria social**, publicado na Revista Temáticas, Campinas, 4 jan/jun 1996, a autora aborda os conceitos destes autores para ressaltar a importância do estudo da dimensão espaço nas várias áreas do conhecimento, apontando para a relação dos sujeitos com esta dimensão e consequentemente os efeitos desta relação nas cidades.

conhecimento deste sistema pode melhorar as condições de vida das populações do meio urbano.

Para Carlos (1999), o espaço geográfico é produzido pela sociedade ao mesmo tempo em que sua vida, ideologia, cultura, valores e costumes são produzidos.

Da mesma forma, para Corrêa (2003), “o espaço urbano capitalista - fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço”.

Portanto, um espaço urbano fragmentado a partir das suas múltiplas esferas como os serviços, as indústrias, a moradia, a educação, a política se articulam e demonstram a produção da lógica capitalista do mercado. Há uma justaposição destas esferas, influenciando diretamente no viver nos espaços, nas relações interpessoais que também se reproduzem, seguindo as mesmas direções e critérios que seguem estas esferas.

O reflexo da organização espacial está constituído nas cidades capitalistas pelos diferentes usos da terra, conforme nos mostra Corrêa (2003). O que podemos perceber em um processo de urbanização em uma cidade como Curitiba, é o adensamento em áreas próximas do núcleo central, e o avanço crescente da cidade para áreas periféricas, onde o custo da terra é menor, mas também onde há maiores problemas de infraestrutura, como saneamento, rede viária, transporte coletivo. E desta forma, a segmentação da cidade em espaços para serviços, comércio, indústrias, assim fragmentado, mas, articulado, sobretudo devido às condições econômicas. Esta articulação expressa os processos sociais, reflexo do que ocorre na sociedade. Por ser reflexo e fragmentado é desigual.

Para Rechia (2003, p.1) “As grandes cidades contemporâneas, constituem-se em um denso espaço, com funções diversas, por meio das quais se estabelecem múltiplas

práticas sociais”. Estas práticas sociais podem ser visualizadas a partir das relações do homem com o trabalho, com a habitação, com a educação, enfim com o viver na cidade.

O significado de viver na cidade para Lefebvre (1999), é habitar, ou seja, o direito de viver, o direito à liberdade, e que vai muito além do habitat, este limitado ao espaço onde se vive. Esta possibilidade de viver é segundo Rechia (2006, p.96), “uma das formas de resistência contra a segregação no espaço residencial e pelo direito à cidade”, onde deveria ser possível conectar as várias dimensões dos sujeitos, no “espaço-cidade”.

Certeau (1994, p. 177), argumenta que:

Se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades ( por exemplo, por um local por onde é permitido circular) e proibições ( por exemplo, por um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais.

Ou seja, as questões do planejamento, os traçados e desenhos da cidade, a conformação do espaço urbano podem ser superadas pelas escolhas, opções do caminhante, do sujeito, na medida em que ele se apropria da cidade, ele é que a faz, ele é quem a cria.

Curitiba, assim como outras cidades, segue critérios do planejamento urbano, para o seu desenvolvimento, mas, segundo Bramante (1993) quanto à criação, implantação e finalidade dada aos espaços públicos nas cidades, é comum que o planejamento ocorra depois que as moradias já se instalaram, deixando os terrenos restantes, em geral impróprios, para a instalação destes equipamentos, sem qualquer preocupação com os moradores do entorno, com seu estilo de vida, com seus gostos. Planejadores e executores seguem modelos comuns, em todos os cantos da cidade, considerando apenas a necessidade de leis e decretos, ou para cumprir promessas eleitorais, utilizando para isto os escassos recursos financeiros que são permitidos pelo orçamento municipal.

Além destes problemas com a criação, surgem os problemas decorrentes da falta de conservação, da falta de integração entre os órgãos responsáveis pela manutenção, aliados aos problemas comuns de desgaste natural em função das condições climáticas, ou pela ação de vândalos, quando não há fiscalização, segurança ou profissionais das administrações públicas que zelem pela segurança dos equipamentos e das pessoas que se utilizam destes espaços para o seu lazer (BRAMANTE, 1993).

Neste sentido, Bramante (1998, p.9), ao tentar compreender o lazer, fenômeno que na atualidade é repleto de significado e valor, conceitua:

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé. Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômico e influenciada por fatores ambientais.

Porém, para que se concretize essa dimensão privilegiada, faz-se necessário o entendimento deste tempo ser conquistado enquanto um bem único para o indivíduo, através das experiências pessoais. Estas experiências, pessoais, individuais, no tempo/espaço de lazer, podem colaborar para o indivíduo desenvolver sua ludicidade<sup>10</sup>. Esse movimento gera um envolvimento, uma convivência com outras pessoas no eixo tempo/espaço de lazer, que permite ao indivíduo, experimentar, se expressar. Portanto, se este sujeito acredita que pode, que tem estas possibilidades, e esse direito transformará esta ação em um 'ato de fé' a que o autor se refere.

---

<sup>10</sup> Ludicidade – Para Schwartz (2005), lúdico enquanto adjetivo, significa jogo, brinquedo ou divertimento, porém como comportamento ocorre através da ação voluntária, de alegria e permite a ligação entre o real e o imaginário. Esta dimensão é diferente de indivíduo para indivíduo, sendo um elemento constante da personalidade e da cultura, e contribui para o desenvolvimento psicológico, se for fundamentada por meio de vivências de conteúdos significativos.

Para Mascarenhas (2004), o lazer deve ser compreendido "como um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia." Este autor pondera que os grupos sociais podem através de suas experiências neste tempo/espaço, exercitar a cidadania e por consequência alcançar a liberdade, na percepção de se desprender até certo ponto, da lógica do mercado e do trabalho.

O trabalho, segundo De Grazia (1966), é a única atividade no mundo contemporâneo que não é livre. Esta afirmação se baseia na necessidade da produção de caráter obrigatório imposto pelas relações de trabalho e por outras necessidades pessoais.

A palavra trabalho ou ocupação, para este autor, significa uma atividade que persegue um determinado fim, portanto não pode ser considerada uma atividade livre, algo que se escolhe como, e quando fazer, pois segue normas rígidas, espera resultados, gera tensões e conflitos.

Entretanto, esta obrigatoriedade é que cria condições para que os sujeitos possam fora deste tempo do trabalho ou das obrigações, usufruir, realizar outras experiências. Mas, para De Grazia apud Bruhns (2002), esta oportunidade fora do tempo de trabalho, não pode ser cronometrada, ter um período para iniciar e terminar, pois senão estas experiências não seriam livres, estariam comprometidas com regras, normas e com a mesma lógica produtiva a que o trabalho ou as obrigações estão amarradas.

Este é o ideal do ócio, uma escolha de algo que se pode ou não fazer, da forma que se quer, sem comprometimento com qualquer outra finalidade, que seja livre, tanto na escolha, quanto no tempo.

Portanto, o lazer é para poucos, para aqueles que podem se desligar do tempo dos relógios, seja ele determinado pelas relações de trabalho ou dos deveres pessoais. O lazer visto nesta perspectiva, é um ideal e não uma idéia, segundo Bruhns (2002, p.18):

De Grazia demonstra como lazer e tempo situam-se em dois mundos diferentes, uma vez que todos podem ter tempo livre e nem todos podem ter lazer. O tempo livre é uma idéia de democracia realizável; o lazer não é totalmente realizável...O tempo livre refere-se a uma forma determinada de calcular uma determinada classe de tempo; o lazer é uma forma de ser, uma condição do homem que poucos desejam e dentre estes menos alcançam.

Dentre os fatores que podem influenciar as experiências no âmbito do lazer, destacamos a dimensão tempo, que pode ser considerado como tempo livre para Dumazedier (1979). Neste caso, o tempo livre é aquele que sobra das obrigações sejam elas profissionais, familiares, religiosas ou outras que tenham este caráter de dever a ser cumprido.

Entretanto, o conceito “tempo disponível”, proposto por Marcelino, não pode ser considerado “um tempo livre, pois nenhum tempo estaria livre de coações ou normas, sendo este o tempo determinado pelo ritmo do trabalho, que vem depois produção e da realização das obrigações cotidianas” (MASCARENHAS, 2005, p.398).

Porém, Mascarenhas (2005), analisa de que forma este tempo pode ser usufruído para o lazer, se é para vivenciar o ócio e contemplar a vida, ou se este tempo se tornará uma forma de recuperar as energias para o trabalho. O que o autor reforça é que ao longo dos anos de trabalho, da rotina, os sujeitos se acomodam e deixam de buscar esta possibilidade de um tempo que a redução da jornada de trabalho, aliada ao desenvolvimento tecnológico poderia permitir, ou como diz: “a construção de um tempo livre para praticar a liberdade”. Algo que se pode alcançar ou não, mas que os sujeitos devem ser encorajados para buscar, retomando esta construção do tempo livre a que se refere.

De Grazia (1966), procura esclarecer as questões pertinentes ao tempo e sobre o lazer através da analogia sobre a Terra de Jauja e sobre o mundo da Utopia<sup>11</sup>, enquanto a primeira é para todos, o segundo é para alguns, pois lazer é diferente de tempo livre, o que os sujeitos almejam neste tempo é “comodidade e abundância”.

Mas, precisamos também nos referir a outras questões do mundo contemporâneo, que exercem grande influência no estilo de vida, e que refletem nas experiências no âmbito do lazer. Estes fatores passam pela necessidade de trabalhar mais, para ganhar mais, e para adquirir novidades que serviriam para nos dar mais tempo livre, gerando assim um ciclo de consumo. Este consumo que se expande a partir das inovações tecnológicas de aparelhos e equipamentos, de alimentos mais práticos ou mais saudáveis de produtos e serviços para prolongar a juventude e melhorar a estética, até recair nas roupas, materiais e acessórios para a prática esportiva e recreativa.

Podemos perceber que no âmbito do esporte e do lazer também estamos suscetíveis ao avanço tecnológico, seja para a transmissão de jogos, eventos esportivos e grandes espetáculos, passando pelas novas formas de entretenimento e diversão de jogos eletrônicos, filmes, shows, entre outros até chegar no consumo dos espaços das cidades, dos *shoppings* aos parques, das melhores praias do ano, às lojas e bares para se reunir, e enfim das práticas nos espaços públicos.

O consumo sugerido, seja através da camisa de time de futebol, seja do tênis que os jogadores usam, das roupas que as modelos desfilam, ou de um arsenal de produtos que usam e que trariam distinção pelo seu uso. O que falar então do sucesso das duplas de volei de praia ou da seleção brasileira de *beach soccer*, e dos brasileiros que são idolatrados pelo resultado positivo de suas manobras no *skate*, que os apresentaram ao circuito mundial do esporte? Estas prováveis cenas se repetem nos improváveis espaços

---

<sup>11</sup> Terra de Jauja é um lugar paradisíaco, onde só trabalha quem quer, e há fartura de todos os tipos. Enquanto no mundo da Utopia há trabalho, porém as pessoas têm tempo livre para utilizá-lo de várias formas.

públicos? As experiências no âmbito do esporte e do lazer estão sofrendo influência destas armadilhas geradas pela comunicação a partir dos contratos com as empresas que produzem produtos e serviços para o consumo?

Segundo Bruhns (2002, p.29), esclarecendo o pensamento de De Grazia sobre este enfoque:

O autor aponta o êxito da propaganda na conversão do americano em consumidor, através dos seus objetivos: mostrar como as mercadorias podem ser utilizadas no tempo fora do trabalho, como podem contribuir para economizar tempo e como podem se constituir em signos de êxito...a propaganda estimula a compra de novos produtos e constrói a ideologia da inovação atrelando-a ao progresso, à ciência e à democracia. Alguns críticos afirmam sobre a propaganda ter a capacidade de criar necessidades, distinguindo-as entre necessidades reais e criadas. Contudo, é difícil fazer esta distinção, diz De Grazia, pois uma vez fora dos limites da subsistência, ou comida ou habitação, as necessidades são confusas devido às convenções...

Sendo assim, o lazer pode ser entendido como um fenômeno contemporâneo, que pode proporcionar experiências diversas daquelas que o trabalho oferece; mas que depende dos sujeitos e dos grupos sociais para conquistar esta possibilidade de liberdade e de criação.

Encontrar uma resposta única e objetiva para resolver as nossas indagações sobre o lazer, é realmente complexo, pois, independentemente do tempo ser livre, disponível, conquistado, ou construído, nossa percepção é de que as pessoas de certa forma podem fazer suas escolhas. Acreditamos que nos espaços em que houver possibilidades de realizar suas experiências no âmbito do lazer, estas experiências poderão ser por uma livre escolha, pela opção pessoal, e pelo desejo de cada um, seja este espaço público ou privado.

Através das experiências geradas no âmbito do esporte e do lazer, destacamos a livre escolha a partir de uma educação para vivências do lúdico, nas práticas esportivas e recreativas. Para tanto, faz-se necessário o apoio e orientação de profissionais da

Educação Física, a criação, planejamento e manutenção das praças, em acordo com os objetivos dos usuários, como possibilidades para a apropriação das praças de Curitiba.

Assim surgem outras dúvidas. Quem são os usuários das praças, como são estas praças e como é a Curitiba de hoje, são aspectos que procuramos esclarecer.

Em Curitiba, a década de 1970 foi um marco, cujo fator motivante foi trazer à cidade um ar cosmopolita. Através de administrações técnicas, e de um Plano Diretor criado por um grupo de urbanistas, a partir da legitimação do IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba), novas transformações ocorreram (RECHIA, 2003; ROBBA e MACEDO, 2003).

Estas mudanças<sup>12</sup> surgiram com relação ao desenvolvimento da cidade. A onda ambiental que os anos de 1970 promoveram no mundo, foi importada pelos urbanistas como forma de distinção, de progresso. Nesta década, as mudanças começaram pelo transporte coletivo, e com isto a cidade foi recebendo um novo desenho de ruas e moradias, além da concentração de serviços e comércio em determinadas regiões da cidade. Iniciou-se também a busca da preservação do verde como parâmetros para melhorar a qualidade de vida dos habitantes, seguindo normas e padrões internacionais.

Podemos observar um modelo na concepção e finalidade bastante similares nos espaços públicos criados em Curitiba. Este modelo que na criação das primeiras praças já era baseado em referenciais europeus, principalmente de cidades francesas, segundo Bahls (1998), após o Plano Diretor sugerido por Alfred Agache, engenheiro francês contratado em 1940 pela Prefeitura, ficou ainda mais evidente (IPPUC, 2005).

Estas transformações, a criação de espaços, a revitalização de outros, conforme encontramos em documentos do IPPUC e em autores como Robba e Macedo (2003),

---

<sup>12</sup> Em Curitiba, o IPPUC tinha a intenção de resolver os problemas com um enfoque global da cidade, pois o Plano Diretor de Urbanismo começava a ser implantado, e com isto ocorrem quatro revoluções na cidade: física, econômica, social e cultural. Basicamente mudou o sistema viário, o transporte coletivo e houve uma maior fiscalização quanto ao uso do solo, além da exigência de regulamentação da ocupação do solo. Disponível em <<http://www.ippuc.org.br>> Acesso em 25 de novembro de 2005.

procurava estabelecer uma relação de identidade da população com a cidade, seus espaços e símbolos, gerando uma identidade fortemente baseada na melhoria da condição de vida de uma cidade, diferentemente do que acontecia no restante do país (GARCIA, 1997).

Isto tinha uma forte relação com a forma como a administração técnica de Curitiba queria ser reconhecida pelas suas obras e criações, gerando sistemas simbólicos de identidade e a formação da representação social do curitibano, do seu jeito de ser e do seu estilo de vida. E também uma forma de ser reconhecida mundialmente, pelo trabalho de preservação do verde como parâmetro para melhorar a qualidade de vida dos habitantes, seguindo normas e padrões internacionais. Curitiba criou a marca Capital Ecológica (ROBBA e MACEDO, 2003; GARCIA, 1997; RECHIA, 2003).

Esta foi uma das marcas criadas com o intuito de estabelecer esta aceitação da população pelos símbolos e marcas. Entre tantas outras que foram criadas: como cidade planejada e cidade modelo. Mas a política de gerar uma marca para a cidade, que se tornasse a representação social para os habitantes, não teria eco se, além das obras e criações, não houvesse um grande incentivo por parte da mídia e do prefeito<sup>13</sup> que se manteve por tanto tempo à frente da administração de Curitiba, fazendo disto sua marca como gestor, propalando seus feitos através de canais de comunicação, conforme os estudos de Garcia (1997).

Estes espaços públicos foram criados com a intenção de se tornarem referência para a cidade, assim como o prefeito, seu trabalho e seu grupo, que foram transformados em modelos para o mundo. Porém alguns aspectos desta análise apontam para as

---

13 “Jaime Lerner foi prefeito de Curitiba em três mandatos: nos períodos de 1971/75, de 1979/83 e de 1989/92. Durante sua primeira gestão como prefeito de Curitiba, no período 1971 a 1975, Lerner consolidou as transformações da cidade e implantou o Sistema Integrado de Transporte Coletivo, reconhecido internacionalmente pela sua eficiência, qualidade e baixo custo. Nas duas gestões seguintes, além das ações de vanguarda no planejamento urbano, Lerner intensificou um amplo programa que resultou em avanços na área social, destacando Curitiba como uma das cidades com um dos maiores índices de qualidade de vida entre as principais capitais do mundo”. Disponível em <[http://www.pr.gov.br/casacivil/gov\\_lerner.shtml](http://www.pr.gov.br/casacivil/gov_lerner.shtml)> Acesso em 01 de abril de 2006.

mensagens utilizadas através dos canais de comunicação, que tinham por objetivo refletir na população para que houvesse a apropriação das marcas identitárias, dos símbolos e dos espaços (GARCIA, 1997).

Mas, como nos mostra Lefebvre (1999) a diferença está na apropriação dos espaços. Esta apropriação das marcas e símbolos parece ter influenciado para que ocorresse a apropriação dos espaços urbanos, através da aceitação da população para estes modelos impostos por esta gestão especializada em planejamento urbano.

O referido autor define que o “*urbano* é o lugar onde as pessoas tropeçam umas nas outras”, porém urbano não é o espaço vazio repleto de objetos, que no chamado planejamento urbano, recebe um conjunto de equipamentos, para ser considerado pelos habitantes uma cidade, que é planejada, e possui espaços planejados para a população.

Partimos da premissa que “o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 1994). O que observamos são as possibilidades que surgem, a partir dos sujeitos e não apenas dos objetos aqui colocados.

São as experiências desenvolvidas, as práticas vividas, as relações no cotidiano, que dão valor ao espaço, seu significado, é como uma casa desenhada no papel, mas que só ganha dimensões a partir do momento que se erguem suas paredes e dentro dela podemos perceber os movimentos, seja de quem a constrói, seja de quem nela habita.

Analisando a praça como este espaço, procuramos verificar como se dá a organização dos grupos, o comportamento e quais os benefícios simbólicos que se obtêm a partir das vivências lúdicas nestes espaços, como a problemática sugerida por Certeau *et al.* (1996) sobre as novas formas de organização da vida, decorrentes das transformações nas cidades, nas relações com o trabalho e nas mudanças no estilo de

vida e que modificam a maneira como as pessoas se apropriam dos espaços públicos e privados.

Quanto à Curitiba, atualmente podemos dizer que sofreu diversas transformações, refletindo na sociedade contemporânea, e no cotidiano desta. Estas transformações com relação ao trabalho, à habitação, à segurança, entre outras, são questões que afetam as comunidades, sobretudo na relação dos cidadãos com o meio e determinam a necessidade de realizarmos algumas análises, para compreender estes processos.

Estas transformações que geram questões sociais são comuns às cidades contemporâneas. Cidades que conforme Lefebvre (1999) são produzidas pelo sistema capitalista, e parecem ser a chave para entender a lógica das transformações que ocorreram nos últimos séculos. Porém a grande ênfase deste autor está em alertar para o campo cego em que vivemos e que não nos permite perceber a lógica da produção do capital, refletida nos espaços construídos nas cidades urbanas.

Entretanto, o que vemos é uma característica utilitária atribuída à cidade, através da criação e manutenção de espaços, o investimento de recursos para melhorar as ofertas de bens e serviços à população, desenvolvida pelos administradores e técnicos, como os espaços urbanos.

Conforme encontramos no pensamento de Lefebvre (1999), os espaços urbanos, servem como simulacros dos espaços livres, numa referência à cidade industrial que se ergue em metal e pedra e aí surgem parques e praças, como racionalidade e lógica nas edificações, através do Estado e das leis como uma forma de impor um projeto científico, e que rege o cotidiano .

A partir destas reflexões sobre as transformações das cidades contemporâneas, a criação de espaços, bem como a apropriação destes, ressaltamos a importância deste

estudo que nos trouxe esclarecimentos sobre a cidade de Curitiba, as praças, e o lazer dos cidadãos nestes espaços públicos, bem como da interação entre estes.

Assim, questionamos: quais as experiências no âmbito do esporte e do lazer que a Praça Afonso Botelho possibilita aos seus usuários?

Para nós esta questão se justificou, pelo rico potencial que as praças podem oferecer à estas experiências e para os grupos sociais. As análises das relações e das práticas vivenciadas nestes ambientes podem representar uma contribuição para que outras atividades e novas experiências aconteçam. Ainda, como diz Rechia (2003), estes espaços podem ser as portas que se abrem para a comunidade despertar para o lúdico, oportunizando a sociabilização, sensibilizando para a relação com o meio ambiente. E por fim, pode ser o início de uma nova forma da comunidade interagir com a cidade.

Portanto, tivemos como objetivo principal para este estudo, analisar quais as experiências no âmbito do esporte e do lazer, acontecem na Praça Afonso Botelho, da cidade de Curitiba.

Destacamos os objetivos específicos que foram: mapear algumas praças e os equipamentos destas, destinados às práticas no âmbito do esporte e do lazer da cidade de Curitiba; identificar quais as práticas no âmbito do esporte e do lazer que se efetivam nestas praças; investigar as formas de usos e de apropriação da Praça Afonso Botelho, verificando como se dá a organização dos grupos sociais nesta.

## Capítulo 2

### Curitiba e a gestão pública:

O desenvolvimento de cidades como Curitiba, é tema para debates recorrentes em pesquisas nas mais variadas áreas do conhecimento. Porém a análise refere-se muitas vezes à índices econômicos, sociais e políticos que recaem sobre a distribuição de renda, saneamento básico, educação e habitação, critérios que são sugeridos e reconhecidos pelos institutos e organismos internacionais.

Analisando a gestão pública e as ações com relação ao planejamento urbano, através das políticas de criação, implantação e manutenção das praças, os equipamentos e mobiliários existentes em algumas destas e os programas de esporte e lazer geridos pelos órgãos públicos nestes espaços de Curitiba, poderemos ter um panorama das possibilidades que a cidade contempla para que os habitantes realizem suas experiências no âmbito do esporte e lazer.

Foi no ano de 1943, segundo dados do IPPUC (2005), o início oficial do planejamento urbanístico de Curitiba, com a contratação do engenheiro francês, Alfred Agache que desenvolveu um plano estratégico prevendo o crescimento da cidade, e que definindo a localização de áreas segundo sua natureza: habitação, comércio, indústria e serviços.

Porém o crescimento da cidade em número de habitantes superou a expectativa deste Plano, havendo a necessidade da elaboração de um plano não apenas para o zoneamento, mas um plano que previa a melhora na qualidade de vida dos habitantes de Curitiba, através de uma expansão do traçado da cidade, do sistema viário, do uso do solo e com a intenção de equipar a cidade<sup>14</sup>. Este plano, denominado Plano Preliminar de

---

<sup>14</sup> “A filosofia global do Plano Preliminar de Urbanismo de Curitiba é a melhoria da qualidade de vida da população da Cidade. Os objetivos básicos eram:

Urbanismo acarreta na criação do primeiro órgão oficial, voltado exclusivamente para a questão do planejamento urbano, o IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, em 1965. (IPPUC, 2005)

A partir da década de 1970, a Prefeitura deu início ao desenvolvimento do Plano Diretor de Urbanismo, com a estruturação da cidade em eixos que cortavam os bairros de um lado ao outro da cidade em grandes avenidas, além da modernização do transporte coletivo, com ruas divididas em faixas exclusivas para o tráfego dos ônibus (IPPUC, 2005).

A principal ênfase do IPPUC a partir desta década foi de resolver problemas que já se haviam instalado na cidade e que são comuns ao crescimento de forma desordenada, ou das ampliações muito velozes, sendo então, que as diretrizes básicas para o IPPUC se relacionavam com o sistema viário, o zoneamento de uso do solo, a regulamentação dos loteamentos e a renovação urbana, entre outros. (IPPUC, 2005).

Nos anos 1980 o destaque em Curitiba, foi o processo de administração descentralizada, com a divisão da cidade em regionais que teriam um administrador e uma sede fixa em alguns bairros da capital, para facilitar e melhorar a gestão, através de núcleos de órgãos públicos nestas unidades. Para Jacobi (2000) esta questão da descentralização, “define uma transferência ou delegação de autoridade legal e política aos poderes locais para planejar, tomar decisões e gerir funções públicas do governo central”. Nem sempre esta transferência reflete a mesma atenção que a população receberia caso não houvesse a descentralização, ou nem sempre resulta em uma resposta rápida e eficaz para a solução de problemas para certas comunidades, porém é

- 
- mudar a conformação radial de expansão da cidade para uma conformação linear, integrando transporte, sistema viário e uso do solo;
  - descongestionar a área central e preservar o centro tradicional;
  - conter a população de Curitiba dentro dos seus limites físico-territoriais;
  - criar um suporte econômico ao desenvolvimento urbano;
  - garantir a equipamentação de toda a cidade.”
- Disponível em <[http://www.ippuc.org.br/pensando\\_a\\_cidade](http://www.ippuc.org.br/pensando_a_cidade)> Acesso em 30 de novembro de 2006.

uma forma de organizar grupos para reivindicar soluções administrativas de uma maneira mais incisiva. Para o representante do IPPUC, Sr. Lourival Peyerl, a população se organiza através destas administrações regionais, em função de sua demanda:

Estas demandas normalmente se organizam, as pessoas se constituem em grupos de pressão ou de interesses e que se tornam fortes e daí se conseguem fazer entender.

Parece que este é o ciclo esperado por este modelo de administração que há tempos está estabelecido em Curitiba. A demanda surge, porém vozes individuais ou coletivas só são ouvidas através destes mecanismos. Mas a descentralização não é apenas um procedimento para definir um canal de comunicação entre a comunidade e a gestão. Deveria ser também uma possibilidade de ofertar às comunidades os serviços e espaços.

Segundo Amaral (2002), com relação ao processo de descentralização, existe um modelo de administração que oferta serviços e espaços para uma determinada área da cidade, em geral a mais produtiva ou de maior concentração de renda, nem sempre aquela que realmente necessita. Portanto, é prioritário superar este modelo, propiciando “atividades sistemáticas e assistemáticas a cada comunidade, transpondo as carências que se apresentarem. Há uma preocupação com espaços urbanos para a convivência e lazer, com políticas realmente públicas e sociais” (p.22)

Assim sendo, a partir de 1990, surgem as redes integradas de serviços sociais, com a implantação dos equipamentos sociais. Não é raro encontrar a creche, o posto de saúde e as escolas municipais construídos num mesmo local, com o objetivo de facilitar a utilização destes equipamentos pelos moradores da cidade (IPPUC, 2005). Na maioria dos casos, há uma padronização nestes equipamentos sociais, em termos de estrutura administrativa e modelo arquitetônico. Não sabemos ao certo se facilita o deslocamento

da comunidade, ou se é uma fronteira para que não ocorra o deslocamento pelo restante da cidade.

A ênfase na participação popular cresce a partir do ano 2000, segundo dados do IPPUC (2005). Neste caso, a marca da gestão atual, “Curitiba a cidade da gente”, busca identificar a população com o sistema de administração, caracterizada pela participação ativa (PMC, 2006).

Porém, como é esta participação? Segundo os representantes<sup>15</sup> da gestão pública, esta participação sempre foi ativa, através dos canais de comunicação com a PMC, e das audiências públicas em reuniões e debates organizados pelas Administrações Regionais.

Esta participação ativa também está presente em uma das exigências do atual governo federal através do Ministério das Cidades, que passou a cobrar das prefeituras de municípios com mais de 20 mil habitantes para que apresentem seus Planos Diretores, além do resultado dos debates feitos com a comunidade sobre estes Planos. Na verdade trata-se de cumprir o que diz a Constituição Federal de 1988, no art.182, visando estabelecer mudanças e desenvolvimento para as cidades. (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2006).

Mas o que vem a ser um Plano Diretor, não está definido na Constituição. Assim como não sabemos se estes debates seriam representativos para a comunidade. Será que estes debates podem propiciar o desenvolvimento da cidadania? O fato dos debates possibilitarem a discussão de propostas prontas pode ser apontado como participação? De que cidade o Plano fala? Os cidadãos realmente sabem o que querem e qual o seu papel? Para Jacobi (2000, p.20):

O processo de construção da cidadania é permeado de paradoxos, na medida em que se explicitam três dinâmicas concomitantes: o reconhecimento e a construção dos diferentes sujeitos sociais envolvidos; o contexto da inclusão das necessidades expressas pelos diferentes sujeitos

---

<sup>15</sup> Entrevistas com os representantes da SMMA, SMEL, e IPPUC.

sociais envolvidos; e a definição de novas agendas da gestão, visando a estender os bens a amplos setores da população.

A noção da cidadania ativa, diferente da passiva, que o Estado repassa ao cidadão como “idéia moral do favor e da tutela”, segundo Jacobi (2000), não é uma noção clara de cidadania, pois o cidadão não está totalmente livre da tutela de quem detém o poder. Em geral, as idéias, planos e projetos são apenas comunicados para os sujeitos, e em alguns casos, até acontece alguma mudança por sugestão ou insatisfação, mas, esta ocorrência pode ser ignorada, pois há muitas questões imbricadas nestes processos. São questões administrativas, financeiras, e até mesmo técnicas, das quais a população não tem alcance, até pela forma que ocorre a transmissão das informações. Ainda assim, políticos, governantes, dirigentes costumam dizer principalmente em seus discursos políticos, que promovem a cidadania.

Porém, o que se chama de cidadania, é o que é próprio de um cidadão (membro de uma cidade), o “conjunto dos direitos de que ele desfruta e dos deveres que lhe cabem” (COMTE, 2003, p.100).

Mas será que os cidadãos conhecem, reconhecem e refletem sobre o que são estes direitos e deveres?

Para Amaral (2002), os direitos dos cidadãos no Brasil, inverteram uma ordem que acontece em geral em outros países, em que os direitos civis são outorgados antes mesmo que haja direitos políticos. Este é um fato da história de muitos países. Então, esta inversão nos leva a refletir sobre as consequências e os porques destes direitos:

Os direitos aqui não foram adquiridos unanimemente por uma luta e uma conquista da classe trabalhadora, mas sim concedidos pelo poder estatal, que muitas vezes recorreu à manipulação das organizações sindicais para fazer valer o direcionamento que fosse mais conveniente ao bloco no poder. Além disso, as legislações existentes, que poderiam garantir um exercício da cidadania o mais próximo da sua plenitude, não foram cumpridas, nem pelas instâncias legislativas, executivas e judiciárias, nem pela população, que sucumbia aos acordos classistas, à venda de votos, às

benesses advindas dos capitães de fazenda ou políticos. (AMARAL, 2002, p. 99).

Desta forma, podemos pensar que os sujeitos estão alheios, influenciados, e sempre dependentes das resoluções e dos direitos cedidos pela instância política; no entanto existem casos e situações que demonstram que há uma organização de alguns grupos, como encontramos em relatos de autores como Amaral (2002) e Zaluar (1996), além do que observamos todos os dias, a constituição de Associações de bairros.

Porém, para JACOBI (2000, p.22):

A nova dimensão da cidadania inclui, de um lado, a formação de cidadãos enquanto sujeitos sociais ativos, e de outro, para a sociedade como um todo, um aprendizado de convivência com esses cidadãos emergentes que se recusam permanecer nos lugares que lhes foram definidos social e culturalmente.

A participação e o seu conceito para Jacobi (2000) estão repletos de contradições. Há diferenças nem sempre nítidas ou compreendidas entre participação popular, participação cidadina ou social. Entretanto, esta questão traz as possibilidades de melhorar ou aprofundar as relações cotidianas entre os moradores das cidades, os cidadãos e as diversas instituições ou órgãos do Estado. Ainda hoje podemos perceber, nas grandes metrópoles, pouca participação efetiva da população nas questões públicas e quando há esta participação é realizada por obrigações formais e com pouco envolvimento. Parece sempre superficial.

Podemos destacar o exemplo da obrigatoriedade do voto em nossa política no Brasil, que na veracidade constitucional, se trata de um direito do povo, conquistado por anos de luta política, principalmente às mulheres, mas, parecem preservar grande interesse de uma classe específica. Este caso pode demonstrar como são compreendidos os deveres, porém, o envolvimento nas relações não é claro, se é que existem.

As cidades estão em decadência segundo Sennett (1998), pois a ocupação do solo nas grandes cidades ocorreu muitas vezes de forma desigual. O custo da terra, as más administrações públicas, o uso de recursos financeiros, em geral apontando para as áreas mais valorizadas das cidades, entre tantos outros problemas sociais como a violência, que são decorrentes ou concorrem para esta decadência a que o autor se refere, geram além desta impassividade frente às questões públicas, uma marca quanto ao respeito pela privacidade e propriedade privada.

Os valores individuais advindos destas experiências das relações nesta sociedade que presenciamos, apontam para problemas sociais mais amplos, que trazem em sua significância o resultado destas características de impessoalidade, de não envolvimento, e da busca individual por conquistas particulares que repercutem em um descaso com a vida pública, permitindo que alguns utilizem dos bens públicos para seu favorecimento, enriquecimento pessoal, num processo de corrupção a que estamos flagrando constantemente e que a nossos olhares parece banalizado. Os poucos que tentam ser ouvidos através da participação, podem ter suas vozes abafadas.

Nesta perspectiva, da participação dos moradores da cidade nos processos de escolha, de definição do que ocorre no meio público, observamos, que alguns poucos detêm o poder no domínio público, como diz Sennett (1998, p.26) "...o domínio público é abandonado, por estar esvaziado. No mais físico dos níveis, o ambiente incita a pensar no domínio público como desprovido de sentido". Esta ausência de sentido, se expande para a organização do espaço urbano.

A questão do espaço nas grandes cidades, também remete para a análise da ocupação territorial das cidades, muitas vezes imposta pela condição econômica e social, do desenvolvimento das cidades, e da relação dos indivíduos com estas e seus espaços.

Porém, as condições políticas, na maioria dos casos vão determinar o desenho e o traçado que as cidades podem ter. Quando esta condição não ocorre, percebemos ocupações irregulares, e cidades com muitos problemas sociais. Na constituição das grandes metrópoles, o que vemos em comum, é que o homem abandonou o campo e buscou nas cidades uma melhor condição de vida, trabalho e moradia. Em outros casos, o urbano está invadindo a área rural, pela sua expansão descontrolada, ou muito rápida (LEFEBVRE, 1999).

Qualquer cidade, em qualquer lugar do mundo inicia seu desenvolvimento a partir de ao menos uma rua. Entretanto, a ocupação da rua com o desenvolvimento das cidades nos mostra uma mudança na função, e na natureza deste espaço público.

Para Sennett (1998), o homem perdeu a oportunidade da experimentação que as ruas lhe ofereciam, trocando o simples caminhar pela ansiedade que a correria dos automóveis provoca. Assim verificamos que a vida moderna, com o desenvolvimento das metrópoles, perdeu o contato com o espaço mais primário das cidades, que é a rua. Portanto, quando fala do potencial de experimentação que uma rua oferece aos cidadãos, o autor revela que a rua é o primeiro espaço em que os habitantes têm para interagir, criando redes sociais, dentro de uma visão da vida pública.

Neste caso, a vida pública é entendida como a vida fora do ambiente familiar, a casa, a moradia, pela privacidade que as paredes parecem proporcionar.

Da Matta (1985), traça uma interessante comparação entre público e privado com a casa e a rua, onde: a casa parece surgir como um local físico, privilegiado, o espaço é íntimo e privativo; a rua em oposição a casa é repleta de contrastes, de complementaridades. Porém, tanto a casa como a rua, assim o serão, dependendo do ponto de observação. A casa não é apenas a limitação do espaço físico, mas um espaço limitado principalmente, pelo sentimento de pertencimento, ou de propriedade; as

relações e o tratamento familiar dado às questões que surgem é que darão o significado se o espaço é casa ou rua, ou seja, privado ou público.

No entanto, a rua vista como espaço de integração e sociabilidade, se transformou em um espaço de movimentação, em que os carros trafegam apressadamente, e que por este movimento impedem o encontro das pessoas que acabam caminhando lado a lado, ou dentro dos automóveis. “As ruas da cidade adquirem então uma função peculiar: permitir a movimentação; se elas constroem demais a movimentação, por meio de semáforos, contramãos, etc., os motoristas se zangam ou ficam nervosos” (SENNETT, 1998, p.28).

Então nos relembramos do passado das grandes cidades que permitiam aos seus moradores, um convívio a partir dos portões de suas casas, na rua, quando crianças jogavam bola, empinavam pipas, ou participavam de uma brincadeira enquanto os adultos podiam conversar com os seus vizinhos. Desta forma podemos perceber a mudança na função que agora permite uma maior movimentação, mas uma movimentação que leva ao isolamento, que afasta e que gera ansiedade, pela necessidade de que tudo seja mais rápido.

No âmbito do lazer, percebemos que as ruas abrigam hoje outras opções como os cafés, os bares. As ruas que antigamente serviam para o passeio, para o encontro, foram substituídas por parques e praças. Estas últimas foram concebidas entre outros motivos, como forma de interromper o traçado das ruas e dos blocos de construções das cidades em alguns casos, e que servem como substituição às ruas, pois, são espaços livres de carros, portanto, ideais para o encontro dos moradores, para a sociabilização e para o lazer (ROBBA e MACEDO, 2003).

Desta forma, podemos dizer que as praças podem ser os espaços públicos constituídos, para possibilitar a realização das experiências no âmbito do esporte e do lazer.

### **Instituições públicas e as praças:**

No caso específico das praças em Curitiba, sabemos que atualmente existem três órgãos públicos, oficiais que são responsáveis por estes espaços. São eles: o IPPUC que pesquisa e planeja o desenvolvimento urbano da cidade; a Secretaria do Meio Ambiente, que desenvolve as políticas de manutenção e equipamentação das áreas verdes e a Secretaria do Esporte e Lazer que atua junto à comunidade, com a oferta de atividades em alguns Centros de Esporte e Lazer<sup>16</sup>, localizados em praças de Curitiba, entre outros programas.

Com relação à criação e implantação das praças bem como outras áreas para o lazer da população, temos informações<sup>17</sup> de que são constituídas em terrenos quando há disponibilidade destes, geralmente advindos da reserva de algum espaço em algum novo loteamento, ou em espaço restante de alguma desapropriação, ou reestruturação de ruas. A manutenção segue a solicitação dos administradores das regionais ou solicitações feitas através do serviço 156, que é um contato telefônico entre a prefeitura e os cidadãos.<sup>18</sup>

Este fato é bastante diverso do que no início desta pesquisa acreditamos que acontecia. Quando se fala em pesquisa e planejamento, entendíamos que o IPPUC assim

---

<sup>16</sup> Neste caso o termo Centro de Esporte e Lazer, foi encontrado na página eletrônica da SMEL, disponível em <<http://www.curitiba.pr.gov.br/secretaria>> Acesso em 14 de março de 2006.

<sup>17</sup> Informações obtidas através das entrevistas realizadas com representantes da gestão pública, como IPPUC, SMMA e SMEL, na cidade de Curitiba.

<sup>18</sup> Estas informações foram obtidas através de entrevista realizada no IPPUC, com Sr. Lourival Peyerl, chefe do Banco de Dados deste instituto, no dia 14 de dezembro de 2005.

como o Plano Diretor teriam a finalidade de planejar a cidade como um todo, e não planejar soluções para os problemas. Entretanto, segundo referências da PMC (2005) e do IPPUC (2005), é isto que acontece desde a criação do Instituto na década de 1970, pois quando perguntamos ao seu representante, o Sr. Lourival Peyerl<sup>19</sup>, qual seria o critério definidor para a implantação de uma praça, a resposta foi:

É a existência de uma área disponível. Este é o primeiro parâmetro que Curitiba sempre tem tentado reservar. Historicamente isto não foi possível, então foi se adaptando aquela disponibilidade que a cidade foi oferecendo. Mas nos novos loteamentos tem uma legislação que exige que o empreendedor destine um percentual de área para a implantação de parques, praças, de equipamentos sociais, enfim rua e toda esta infraestrutura que a cidade necessita.

Porém como sugere o entrevistado, em algumas cidades diferentemente do que acontece em Curitiba, pedreiras abandonadas como as que viraram parques aqui poderiam ter se transformado em locais para jogar lixo, ou como aconteceu em Belém, onde encontramos informações sobre a Praça Dalcídio Jurandir: “Conhecida como praça do forno crematório, a Praça Dalcídio Jurandir foi construída no ano de 2000, como uma reivindicação deliberada através do Orçamento Participativo, da Prefeitura Municipal de Belém. Na época, a antiga Usina de Cremação de Lixo encontrava-se em precário estado de conservação. Sua construção proporcionou a revitalização do espaço, priorizando o desenvolvimento de atividades culturais (SEMMA, 2005)”.<sup>20</sup>

Como diz Bramante (1993, p.164):

Uma das questões essenciais na criação de novos espaços de lazer está exatamente no cumprimento da legislação que determina a alocação de áreas institucionais na implantação de novos loteamentos. Via de regra, a área deixada pelo loteador para essa finalidade é o buraco ou o brejo que não podem ser loteados, comprometendo severamente a qualidade de um possível equipamento urbano de lazer a ser implantado.

---

<sup>19</sup> Chefe do Banco de Dados do IPPUC, em entrevista cedida em 14 de dezembro de 2005.

<sup>20</sup> Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Belém, disponível em <[http://www.belem.pa.gov.br/semma/paginas/pracas/pc\\_dalcidio.htm](http://www.belem.pa.gov.br/semma/paginas/pracas/pc_dalcidio.htm)> Acesso em 20 de novembro de 2005.

Em Curitiba, conforme observamos<sup>21</sup>, e segundo relatos dos representantes da gestão pública há uma expansão da cidade em determinadas regiões, com maior adensamento populacional, o que sugere que há dificuldades em se preservar áreas livres e verdes para a constituição de espaços de lazer como as Praças. Quanto à implantação das praças, instalação de seus equipamentos, segundo o Sr. Sergio Galante Tochio:

A SMMA parte do planejamento onde é estabelecido todo o conceito e implantações de parques e praças. Depois nós temos um Setor de Planejamento e de projetos que é vinculado ao Departamento de Parques e Praças que elabora o projeto em comum acordo com o Departamento de Pesquisa e Monitoramento que é quem cuida das áreas verdes, quem cadastra estas áreas. Definido este conceito, no caso específico de uma praça ou parque, e escolhido o terreno, nós também vamos para a região saber o que temos de equipamentos. O que dispõe esta região de equipamentos de lazer. Partindo destes 3 parâmetros, então é feito um projeto arquitetônico. Este projeto é elaborado pela Secretaria, por uma equipe de arquitetos, que faz este trabalho, e a obra quando é possível, é feita com o nosso pessoal e quando não é possível, é contratada através de uma licitação. A definição destes equipamentos geralmente vem depois de um estudo feito tanto do ponto de vista nosso do planejamento, que nós entendemos como necessária naquela região, e também ouvindo no final a Administração regional que através da comunidade também participa com a sua opinião, muitas vezes até na escolha do local. Porque acontecem casos de você ter disponíveis naquela região mais de uma área. E a que mais atende a necessidade da população local é decidido por eles e pela Administração Regional.

Com relação aos equipamentos e sua manutenção, o Sr. Sergio Galante Tocchio informou:

Nós temos uma oficina nossa, da Secretaria, o Setor de Obras e Manutenção. Esse setor dispõe de uma equipe técnica de engenheiros e técnicos na parte civil e elétrica que, tanto fazem manutenção, como subsidiam novos projetos. Depois nós temos uma oficina composta por um setor de serralheria e marcenaria que produzem equipamentos e consertam equipamentos para estas praças, e um pessoal próprio com um caminhão próprio que trabalham nesta manutenção. Paralelamente a isto, como a quantidade hoje gira em torno de 1000 (um mil) parques e praças, é lógico que o nosso pessoal não dá conta de manter isso tudo, então nós temos contratado equipes de marcenaria e manutenção que trabalham por regional. Cada regional dispõe de uma equipe destas contratadas por um

---

<sup>21</sup> Quando realizamos o mapeamento das praças, pudemos perceber mais claramente esta situação, além de ser um fato notório pela rapidez com que surgem ocupações irregulares de áreas por toda a periferia da cidade, como é o caso do Ribeirão dos Padilhas, citado anteriormente.

valor mensal e que ela tem por finalidade e por objetivo chegar numa praça e fazer tudo que é necessário, desde a troca de um banco, a pintura de uma trave, a substituição da trave até a roçada da grama e a eventual troca de flores.

Embora aconteça esta constante manutenção dos equipamentos, conforme nos disse o entrevistado, em alguns espaços ocorre um uso que não é aquele esperado, como a ação de pessoas que por mero descaso ou inconsciência do seu direito ao espaço público, danificam equipamentos, ou mobiliários que são na essência um patrimônio coletivo.

Ainda, pela mudança na apropriação de determinados espaços, por alterações na configuração de bairros, ou no entorno destes, ocorre um evaziamento, ou uso para outros fins, como é o caso do Bairro Rebouças que já foi uma área industrial e não havia tantas moradias, ou como é o caso das Praças Centrais, que foram transformadas em terminais de transporte coletivo pela necessidade de deslocamento da população.

Devido à estas situações e outras específicas como o caso da Praça Afonso Botelho que descreveremos mais adiante, são indispensáveis as revitalizações.

Em alguns casos a revitalização de espaços é visto como uma forma de trazer melhorias para um bairro, ou para uma comunidade, dando-lhes uma área livre, porém como encontramos em Jacobs (1996), há a crença de que as áreas livres são virtudes para os bairros, que trarão progresso e diferenciação econômica. O que se pode ver, entretanto, é um grande número de praças, jardinetes e espaços criados, porém, não apropriados que se transformam em áreas degradadas, vazias.

Como nos relata o representante da SMMA, sobre as revitalizações das Praças:

Nós temos como meta, como linha principal do planejamento que a área seja o mais natural possível, a partir daí são escolhidos alguns equipamentos... Nós sabemos também por experiência histórica que as pessoas querem quadras de voleibol, futebol, *play ground*, iluminação e alambrado. Há até uma sequência de pedidos aqui. Primeiro você implanta a Praça, depois o pessoal pede para iluminar, quando é possível, já se implanta com iluminação e na sequência vem o cercamento de algumas

áreas, principalmente onde se tem o futebol, para evitar conflitos com a vizinhança e até por segurança mesmo das pessoas.

O entrevistado ainda enfatiza muito a questão da identidade que as pessoas criam com determinados espaços, comparando os moradores da periferia com os espaços de lazer próximos, e a apropriação das praças centrais:

A prioridade na hora de você revitalizar um equipamento, começa a mudar em função dessas mudanças de comportamento, mudanças até de utilização do entorno. Mudanças no entorno, como eu posso explicar, das pessoas que moram e das atividades. Existem muitos casos de bairros que eram estritamente residenciais e que ao longo do tempo foram se transformando em áreas comerciais. E logicamente a utilização da praça e a forma de você encarar e de projetar uma praça muda até pelas pessoas que vão lá. Então, a cada vez que há uma revitalização, você tem uma prioridade.

Então nas praças centrais, onde o entorno já não é de pessoas que tem muita identidade com o local você tem que ir por aí. Porque muitas vezes acontecem casos daquelas pessoas que estão durante o dia ali, à noite vão embora, só trabalham naquela região, à noite mudam.

Porém nos bairros, a realidade já é outra, você pega o envolvimento das pessoas que moram no entorno das praças nos bairros, é muito maior. Geralmente existe uma Associação de moradores, existe um presidente ou uma presidente, que monitora, que promove atividades nas praças com as pessoas que moram ali e que já estão definitivamente ali, pelo menos uma grande parte mora ou já comprou sua moradia ali. Então você já tem nessas pessoas, você vê na periferia muito mais identidade com a área de lazer do que no centro da cidade. Por isso nossa preocupação, acho de todo governo, você revitalizar áreas centrais, mudar o conceito, porque a tendência é o esvaziamento e a deterioração.

Este também foi um dos motivos, na opinião dos representantes da gestão pública, para que a Praça Afonso Botelho fosse revitalizada várias vezes. Porém, o Sr. Sergio Galante Tocchio informou que:

Aquela praça já foi um local contemplativo, onde o mais importante era você ter um espaço de lazer natural, para as pessoas simplesmente passearem, sentarem e conversarem. Ela já teve um momento, se não me engano, que era assim uma conotação bastante esportiva, com construções, na intenção de fazer um centro esportivo. E depois houve um momento em que houve um abandono da praça porque ela não oferecia, embora pudesse oferecer equipamentos e até ter algumas alterações muito pequenas para adequar, mas o principal argumento era a segurança. E hoje em dia é o que acontece na maioria das praças. Então nós passamos por uma fase que começou pela alegria das pessoas para ter um local para

tomar sol, de levar criança para brincar. Depois teve aquela época do esporte, da prática esportiva, e depois houve um abandono, e isso não foi só na Praça Afonso Botelho. Nós percebemos em vários locais, e as pessoas foram mudando e aquelas pessoas que frequentavam, deixaram de frequentar, vieram outras que já não tinham interesse e de repente, a praça deixou de ser um local atrativo, para expulsar, para espantar, porque na medida em que você não utiliza o equipamento, ele acaba servindo para outras finalidades que não aquelas da comunidade.

Desta forma a Praça Afonso Botelho, em sua última reforma recebeu vários equipamentos, houve a renovação do sistema de iluminação, a construção de um módulo policial e o cercamento, como nos disse o entrevistado.

Porém, como é a oferta de atividades nestes espaços? Como se organizam as práticas nas praças?

Quanto ao planejamento, e oferta de programas de atividades de esporte e lazer, estes, são de responsabilidade da SMEL, naquelas praças em que há uma unidade, chamada Centro de Esportes e Lazer. Atualmente os programas específicos para as praças são:

1. Cates - Centro de Aprimoramento de Talentos Esportivos.

“Destinado a crianças e jovens com idade entre 7 e 14 anos (masculino e feminino) com atividades de iniciação esportiva, em diversas modalidades. Tem por objetivo descobrir novos talentos esportivos. São realizados periodicamente minicampeonatos, com calendário próprio. O programa é desenvolvido nos 28 Centros de Esporte e Lazer localizados nos bairros da cidade e nas Ruas da Cidadania, com professores de educação física. Atividades ofertadas: basquete, futebol, futsal, handebol, vôlei de praia, voleibol, xadrez, atletismo, tênis de mesa, ciclismo e peteca” (PMC, 2005).

## 2. Lazer na Cidade:

“Nos 28 espaços de esporte e lazer da cidade e nas Ruas da Cidadania, a Prefeitura desenvolve atividades no contraturno escolar e nos finais de semana. Cama elástica, brinquedos gigantes, jogos diversos, perna-de-pau, arremesso na boca do palhaço, casinha de boneca, oficinas de confecção de brinquedos didáticos, piscina de bolinhas, entre outras que divertem a criançada” (PMC, 2005).

## 3. Curitiba Ativa:

São atividades sistemáticas de ginástica, alongamento, ginástica para terceira idade, e/ou orientação de caminhada, conforme comentou em entrevista a representante da SMEL, Simone Chagas Lima.

Encontramos várias diferenças na oferta das práticas e na demanda destas, nas praças de Curitiba. Algumas praças são consideradas equipamentos da SMEL, como já nos referimos anteriormente, e outras não possuem estes equipamentos. Porém, podemos perceber que há disparidade até mesmo na divulgação dos serviços, pois não encontramos referências do Programa Curitiba Ativa na página de informações sobre a SMEL, na internet, como encontramos sobre os outros programas. O que podemos considerar ainda é que as informações sobre estes programas e suas aplicações também podem ser descontínuos para o principal alvo: a demanda da comunidade.

De acordo com Bramante (1993, p.167), “vale destacar a necessidade de se oferecer oportunidades que atendam aos diversos interesses culturais, não privilegiando apenas uma das áreas como é o caso típico dos centros esportivos”. Se estas práticas são sistematizadas, ocorrem dentro de um planejamento de ações ou se consideram “o usuário como razão do referido serviço” são questões que poderão ser esclarecidas.

Como são planejadas e executadas as atividades nestas unidades da SMEL? Por profissionais de que área de conhecimento? Qual a finalidade destas atividades e seus equipamentos? Como é a participação da comunidade e dos cidadãos nestes projetos? Como ocorrem estes processos? Que critérios são seguidos? Quais as funções de cada órgão?

Para Bramante (1993, p.174), “são poucos os diagnósticos, os inventários de recursos existentes ou mesmo o conhecimento dos hábitos de lazer dos distintos segmentos da população”. O planejamento deve visualizar além da criação do espaço, a sua manutenção, e os serviços/atividades que ali poderão acontecer. Quem planeja, o que planeja e para quem, devem ser objetivos claros para as instâncias da administração pública.

Isto pode refletir na aproximação da comunidade com estes espaços, e isto significar um facilitador para ampliar as redes de relações sociais nestes ambientes, dando um passo à frente, estimulando os cidadãos para o comprometimento com a cidade, na interação com esta e com o meio ambiente. Para Bramante (1993, p.171), “não é prática comum na administração de serviços públicos considerar o usuário como razão da existência do referido serviço”, mas segundo os representantes da SMEL, da SMMA e do IPPUC, a comunidade é ouvida em Curitiba, através de audiências públicas do Plano Diretor, através das Administrações Regionais e do telefone 156<sup>22</sup>.

Estes programas são desenvolvidos em 28 centros, sendo que temos hoje em Curitiba um total de 416 praças, além das 9 ruas da cidadania, eixos ambientais, jardinetes e parques. (IPPUC, 2005).

---

<sup>22</sup> O número do telefone de uma central de atendimento da prefeitura que atende solicitações, reclamações e informações. “A Central de Atendimento e Informações 156 é o *Contact Center* desenvolvido e gerenciado pelo ICI (Instituto Curitiba de Informática), com o objetivo de viabilizar um sistema de comunicação ágil e eficiente entre o cidadão e a Prefeitura de Curitiba, permitindo o atendimento da demanda de informações e solicitações da população, com segurança, confiabilidade e, principalmente, qualidade” (PMC, 2006). Disponível em <<http://www.curitiba.pr.gov.br>> Acesso em 15 de agosto de 2006.

O programa nomeado Centro de Aprimoramento de Talentos Esportivos, tem no seu escopo a visão de restringir a prática a um determinado número de crianças e adolescentes, não apenas pela demanda ser amplamente maior que a oferta, mas também em decorrência da característica do programa se voltar àqueles que possuem diferenciais no resultado das atividades esportivas.

Na prática o que pudemos perceber é que este programa é uma diretriz da Secretaria, e que sua aplicação depende do coordenador do Centro de Esportes e Lazer, da sua formação, e dos recursos humanos e materiais disponíveis. Conforme afirmou a superintendente da SMEL, Simone Chagas Lima, em entrevista:

Os programas de esporte e lazer para os Centros Esportivos têm como pressuposto, atender a todas as faixas etárias, desde as crianças até os idosos, porém isto depende do espaço físico, da capacitação dos professores, e da procura da comunidade.

Na gestão atual, as atividades desenvolvidas nestes centros priorizam a promoção da atividade física para a saúde, conforme nos disse a superintendente:

O objetivo é atender o maior número possível dentro de nossas possibilidades, mas que todas as pessoas tenham um hábito saudável, pratiquem uma atividade física, pratiquem um esporte, e principalmente tirar a criança daquele horário ocioso...que ele tenha um espaço público gratuito, que ele pratique alguma atividade, e o jovem, o adulto e o idoso, para que ele vá procurar fazer uma atividade, que também pode ser esportiva ou é atividade física.

Com relação ao programa Lazer na Cidade, a oferta parece se basear em equipamentos que não são os encontrados nas praças da cidade. A limitação de espaços, equipamentos e de períodos em que ocorre, denota se tratar de um programa que não é executado com muita regularidade. Porém no relato da superintendente da SMEL, quanto à este programa:

Nós temos parcerias com as Associações de Moradores, através das gerências das Administrações Regionais, e nós vamos até eles com as atividades de final de semana. São atividades lúdicas, recreativas, até esportivas, de brincadeira, nada regrado ou sistemático, então a gente toma o cuidado de ir nestas praças, onde há a Associação de moradores, ou clube ou qualquer outra entidade social, igreja, enfim que queiram levar

alguma atividade para a sua comunidade... A gente não se prende se ao equipamento constituído, mas vai atender a comunidade que solicita.

A questão da participação popular nestes programas, então, se restringe à participação nas atividades, conforme a sua ocorrência, lembrando o que diz Zaluar (1996, p.55) “o programa não poderia ser episódico, isolado ou desligado das demais atividades comunitárias”.

Quanto aos interesses da comunidade serem respeitados, percebemos que há pontos de contato com a gestão em momentos de criação ou manutenção dos espaços, das praças e de seus equipamentos, porém, são contatos irregulares, fluxos descontínuos.

No que diz respeito aos programas de esporte e lazer, estes fatos levantados já dão indicativos de que há uma distância entre o que se faz, a real necessidade das comunidades, e o que se pode fazer, porém reconhecemos que isto ocorre também devido às restrições de recursos físicos e quanto à falta de recursos humanos, bem como da capacitação destes.

Porém, para a gestão pública, Curitiba é uma cidade que se destaca, quanto aos serviços que oferece, pois segundo a superintendente da SMEL, Simone Chagas Lima:

O diferencial de Curitiba, não só pela quantidade de equipamentos que ela tem disponível, para o atendimento, é a qualidade que ela tem e o respeito com o cidadão, para poder oferecer de uma forma que você não encontra em qualquer lugar do mundo. Você até encontra algumas coisas semelhantes, mas com uma propriedade diferente, na Espanha, na Europa de um modo geral as pessoas pagam uma contribuição... Piscinas públicas no Canadá, na Espanha... Gratuito como você tem em Curitiba... ninguém faz. Nesta proporção que Curitiba faz, não fazem.

Este comentário nos remete a uma outra questão da prestação de serviços públicos em um país como o Brasil e em cidades como Curitiba, quando comparadas a países mais desenvolvidos, é a questão da contribuição compulsória que fazemos em vários impostos, durante todo o ano, e que nem sempre retornam à mesma proporção em

oferta de serviços de qualidade, em equipamentos ou espaços de lazer, como reforçou a representante da SMEL. Não estamos com isto avaliando a prestação de serviços desta secretaria, apenas estamos apontando para as condições de vida que os canadenses, espanhóis e europeus têm em total oposição ao padrão brasileiro, seja na condição econômica ou cultural, seja na ética e moral dos seus políticos, seja na aplicação dos recursos financeiros, seja na cobrança e destinação dos impostos.

Destacamos que a gestão pública na cidade de Curitiba, apesar de ser reconhecida e servir como modelo, parece estar baseada em uma cultura tecnocrata, sem considerar as diversidades da população, mas como dá destaque às suas obras, proporciona alguma concordância por parte dos cidadãos no que diz respeito, à aceitação destas obras como benfeitorias. Estes fatos parecem distorcer um pouco a visão entre o que se tem e o que se poderia ter.

## Capítulo 3

### Praças de Curitiba, nosso elenco, nossa visão...

As práticas cotidianas para Certeau (1994), são as formas que os sujeitos encontram para ocupar, se apropriar dos lugares, de acordo com a ordem destes espaços estabelecida por gestores, e pelo planejamento urbano. Entre elas destacamos as práticas que podem ser realizadas nos espaços públicos.

Estas práticas cotidianas a que o autor chama de “subversão comum e silenciosa”, são na verdade a forma de expressão das pessoas comuns, no espaço que estas pessoas conseguem para si.

Para Certeau (1994, p.309):

A diferença que define todo lugar não é da ordem de uma justaposição, mas tem a forma de estratos imbricados. São inúmeros os elementos exibidos sobre a mesma superfície; oferecem-se à análise; formam uma superfície tratável. Toda renovação urbana dá preferência à tábula rasa em cima da qual vai escrever em cimento a composição feita no laboratório à base de necessidades distintas às quais quer dar respostas funcionais. A necessidade, substância primeira desta composição, o sistema a produz também ao separá-la...a insatisfação que define cada necessidade exige e justifica previamente a construção que a combina com outras. Lógica da produção: desde o século XVIII, gera o seu espaço, discursivo e prático, a partir de pontos de concentração – o escritório, a fábrica, a cidade. Recusa a pertinência dos lugares que não cria.

A busca dos planejadores muitas vezes é colocar ordem no espaço, ajustando o que julgam necessário em cada lugar. O que acontece de fato é que as pessoas os utilizam das maneiras mais inesperadas, ocupam espaços onde não se imagina possibilidades, talvez nem mesmo espaços que deveriam ser usados, ocupados, porém aí é que está a beleza, o real da apropriação, o que torna estes espaços ricos de fato, sua principal essência, as pessoas.

Desta forma, descrevemos a partir da nossa seleção, algumas praças de Curitiba:

## **1. Praça da Colonização Menonita.**

Esta praça está localizada no bairro Boqueirão, dentro da regional de mesmo nome, em uma área da periferia da cidade. Esta praça recebeu este nome em homenagem à população de origem menonita. Com 26 mil m<sup>2</sup>, conta com a existência de um Centro Esportivo da SMEL além dos seguintes equipamentos e mobiliário: duas quadras de futebol de areia, duas quadras de voleibol de areia, uma quadra poliesportiva, pista para caminhada em toda a volta da praça, área com brinquedos para recreação infantil, mobiliário para exercícios físicos, espaço para teatro aberto com arquibancada em forma de degraus, pista para caminhada, e além da edificação da unidade da SMEL, uma edificação da Cia da Polícia Militar. O entorno da praça é composto na maioria por residências, além de alguns bares e lanchonetes. O acesso à praça pode ser feito através de rampas, de escadas ou até mesmo pelo nível da rua. Há apenas um banheiro na praça, sendo que fica trancado com cadeado, e uma torneira para uso geral. Há um telefone público, bancos e a vegetação plantada, em uma pequena parte da praça, além de algumas árvores. Há iluminação das ruas e alguns holofotes, que sugerem que a praça pode ficar iluminada à noite. Este bairro se destaca pela população jovem, sendo a maior porcentagem de mulheres entre 15 e 19 anos, e homens de 20 a 24 anos. A principal atividade econômica é o comércio e a renda familiar média era de 7 salários mínimos no ano 2000, segundo dados do IPPUC (2006). Quando realizamos a visita à esta Praça (uma manhã ensolarada de domingo), percebemos a festa das crianças, brincando com água da torneira, e na areia do parquinho. Vizinhos reunidos numa pelada de futebol, e à medida que saiam do jogo, iam juntos ao bar em frente à Praça, tomar cerveja. Mulheres acompanhando a brincadeira dos filhos, e conversando com outras mães, sobre suas tarefas diárias. Jovens e adultos se exercitando nas barras, e caminhando freneticamente

na pista. Podemos dizer que esta praça foi apropriada, pela população e pelos moradores do entorno. (Figura 1).



Figura 1. Praça da Colonização Menonita (Foto do parquinho e Foto dos equipamentos).

## 2. Praça Abílio Abreu

Localizada às margens da BR116, no bairro Guabirota, dentro da regional Cajuru, esta praça tem 27500m<sup>2</sup>, e se destaca por estar em um dos pontos mais elevados do bairro. A partir da Rua Dep. Leoberto Leal, até o ponto mais baixo na Rua Gov. Jorge Lacerda há três escadas, com 50 degraus cada para fazer o acesso, visto que o terreno é bastante inclinado, e com vários desníveis. Aproveitando estas variações do terreno, há desde o ponto mais alto, descendo até próximo do centro da praça, uma pista asfaltada, com largura de aproximadamente três metros, onde é possível realizar descida com carrinho de rolimã, ou bicicleta. Na cidade, parece haver apenas mais uma pista como esta, e está dentro de um parque. Outro aspecto que podemos destacar é o entorno da praça de residências de alto padrão, em oposição à vila existente do outro lado da rodovia, resultado de uma invasão, a Vila das Torres.

Encontramos na praça ainda, uma quadra de futebol de areia e uma de voleibol de areia, na parte mais baixa do terreno, em uma área plana, com alguns holofotes ao redor, a maioria sem lâmpadas, e com telas de metal ao redor das quadras, bancos de tronco de árvores quebrados, e poucas árvores para compor a vegetação do local. Não há banheiros, nem torneiras. O ponto de ônibus fica a uns 200 metros da praça, e além das escadas, há rampas estreitas (aproximadamente 50 cm) nas laterais da escada, mas em nenhuma há corrimãos, ou apoio para descer ou subir. Este bairro tem maioria de mulheres na faixa etária dos 15 aos 24 anos, e homens na faixa de 20 a 24 anos. A renda média familiar era de 11 salários mínimos, no ano de 2000, segundo dados do IPPUC (2005). No momento da visita, uma manhã de dia da semana, porém no período de férias escolares, contamos a presença de apenas 2 crianças e um adulto, com carrinhos de rolimã, descendo pela pista, enquanto outro adulto, passeava com um cão (Figura 2).



Figura 2. Praça Abílio de Abreu (equipamentos).

### 3. Praça da Liberdade

A regional Boa Vista tem uma das maiores concentrações de área verde da cidade, em torno de 58m<sup>2</sup> por habitante, sendo esta área composta por sete parques e três bosques. Entretanto, a Praça da Liberdade fica localizada no chamado Bairro Alto, que

possui apenas 6,2m<sup>2</sup>, por habitante de área verde. Os equipamentos de lazer na praça são: um parquinho para recreação infantil, uma quadra de futebol de areia, uma quadra de voleibol de areia, além de equipamentos urbanos<sup>23</sup> como uma unidade do CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), uma unidade do PIÁ (Programa de Integração da Infância e Adolescência) e uma unidade do Armazém da Família, além de um módulo policial, sendo que da área total da Praça, que é de 15220 m<sup>2</sup>, a maior parte está ocupada com estas construções, restando pouca área livre para a comunidade. No dia de nossa visita, um domingo à tarde, algumas crianças brincavam no parquinho, enquanto outras empinavam pipas e havia um grupo de adultos jogando futebol na quadra de areia. (Figura 3).



Figura 3. Praça da Liberdade.

#### 4. Praça Zumbi dos Palmares

Esta praça foi inaugurada em 1987 está localizada no bairro Pinheirinho, na regional de mesmo nome. A população do bairro em 2000, segundo o censo do IBGE (IPPUC, 2006) era de 49.689 habitantes, sendo a concentração na faixa etária de 19 a 24

<sup>23</sup> "Equipamentos sociais são reconhecidos como componentes da estrutura urbana da Cidade." (IPPUC, 2006) São elementos da "Rede de Serviço Social - educação, saúde, creches, PIAs - que atendem os curitibanos"(IPPUC,2006). Disponível no endereço eletrônico< [http://www.ippuc.org.br/pensando\\_a\\_cidade](http://www.ippuc.org.br/pensando_a_cidade)> Acesso em 28 de novembro de 2006.

anos para homens e 15 a 24 anos para mulheres. A principal atividade econômica tanto no bairro como na regional é o comércio, sendo que a regional vizinha CIC, é pólo industrial de Curitiba. O diferencial desta praça que conta com uma unidade da SMEL, no caso um Centro Esportivo, é que encontramos diversos equipamentos, como cinco quadras de futebol de areia; três quadras de voleibol de areia; uma quadra poliesportiva de piso asfáltico; dois espaços para recreação infantil, com brinquedos tradicionais como escorregador, gangorra, e balanço; quatro mesas para jogos de tabuleiro, como dama e xadrez; uma mesa para jogar tênis de mesa; duas churrasqueiras com mesa e cobertura; além de um teatro ao ar livre com arquibancadas em forma de semi-círculo; e vários bancos de tronco espalhados pela praça. Há um rio não canalizado que passa em uma das laterais da praça, sem nenhuma sinalização, e sem canalização ou tratamento. A placa de bronze que existia na praça, com o nome e data da fundação, parte da fiação elétrica da iluminação da praça, assim como parte dos tijolos do que seriam os muros ao redor da praça, foram furtados. A presença da SMEL parece trazer movimentação à praça, porém não foi possível visualizar esta condição, no momento de nossa visita, um dia de semana, pela manhã, observamos apenas dois casais de namorados, uma mãe com sua filha, e quatro jovens, que jogavam volei na quadra de areia. Uma moça passeava com seu cachorro, e um funcionário da SMMA aparava o gramado. (Figura 4).



Figura 4. Praça Zumbi dos Palmares (equipamentos).

## 5. Praça Antônio Bertolli

Na regional Santa Felicidade, no bairro de mesmo nome, um dos mais tradicionais da cidade pelo desempenho na gastronomia, e pela grande concentração de famílias de imigrantes italianos que ali se instalaram e reproduzem uma colônia, conservando a cultura de seus ascendentes, encontramos a Praça Antônio Bertolli. Foi inaugurada em 30 de março de 1985 e possui uma unidade da SMEL, um Farol do Saber<sup>24</sup>, e ao seu redor, há uma Escola Municipal e um Posto de Saúde. Atualmente, há a construção de um ginásio com uma quadra poliesportiva. Há ainda no local dois campos de futebol com piso gramado, duas quadras de voleibol de areia, uma pista para caminhada, e um pequeno parque com brinquedos tradicionais, como gangorras, escorregador e trepa-trepa. Encontramos lixeiras, bancos de tronco de madeira, holofotes e árvores. O terreno é plano, com tela de metal ao redor dos campos de futebol, sendo que o que separa esta praça da escola é um pequeno riacho que passa em toda a extensão de um dos lados da praça. O fato peculiar é a grafitagem realizada na fachada da unidade da SMEL. Neste bairro a renda média por família era em torno de oito salários mínimos, e havia aproximadamente 25000 habitantes no ano de 2000, segundo dados do Censo/IBGE (IPPUC, 2005). Durante nossa visita, num dia de semana à tarde, no período de férias escolares, percebemos apenas os trabalhadores que construíam o ginásio, e três garotos que jogavam bola em um dos campos de futebol. (Figura 5).

---

<sup>24</sup> Farol do Saber, “são bibliotecas comunitárias que funcionam articuladas às escolas municipais, possuem um acervo de aproximadamente 5000 livros, constituindo-se em pontos de referência cultural e de lazer para a comunidade, e têm como objetivo diversificar as oportunidades de acesso ao saber, expandindo o espaço do ensino formal. São construções modulares de 88 m<sup>2</sup> com uma torre de 10 m de altura com sinal luminoso. Estas bibliotecas foram denominadas Farol do Saber, evocando a célebre Biblioteca de Alexandria, cidade que, representando um importante centro cultural e econômico, aproximou os povos e iluminou a Antiguidade com a luz do conhecimento”. Disponível em < <http://www.brasilviagem.com> > Acesso em 13 de novembro de 2006.



Figura 5. Praça Antônio Bertolli (Sede da SMEL, Farol do Saber e equipamentos).

## 6. Praça Mané Garrincha

Esta praça tem 24 mil m<sup>2</sup>, está localizada na Vila Nossa Senhora Aparecida, no bairro CIC, na regional de mesmo nome. Os equipamentos encontrados foram: cinco quadras de futebol de areia, uma quadra de voleibol de areia, três quadras de mini futebol, uma pista de *skate* e um parquinho. A praça fica entre a Rua Desembargador Cid Campelo, a Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira e a Rua João Bettega, na confluência com o rio Barigui. Este bairro tinha a média de 4,23 salários mínimos por residência, e aproximadamente 160 mil habitantes, no último censo do IBGE de 2000. possui área verde de 36m<sup>2</sup> por habitante, enquanto a regional tem uma área de 73m<sup>2</sup> por habitante, segundo o IPPUC (2006). Quando estivemos nesta praça, em um sábado à tarde, observamos que os campos de futebol eram usados por um grupo de aproximadamente 20 meninos entre 06 e 12 anos que brincavam soltando pipas.



Figura 6. Praça Mané Garrincha

## 7. Praça Vinte e Nove de Março

Este nome é para homenagear a cidade, pois 29 de março é o dia de fundação de Curitiba. Esta praça fica localizada no bairro Mercês, bem próximo da área central, na regional Matriz. Há nesta praça uma quadra poliesportiva, um parquinho tradicional, com escorregadores, gangorras e estruturas em ferro e concreto para brincadeiras. Existe também uma construção circular, de piso de concreto, com proteção de ferro em toda a volta, como um corrimão com a finalidade de ser uma pista de patinação, e também uma outra circunferência construída com profundidade, que tem bancos ao redor do desnível, como um teatro ao ar livre. O diferencial fica por conta de um painel feito por Potty Lazarotto, um renomado artista curitibano, em pedra, no muro que atravessa a maior parte da praça, porém fica difícil ler ou apreciar, pois a obra está bastante deteriorada por pichações. Este bairro tinha em 2000, segundo dados do IBGE, uma população de aproximadamente 15mil habitantes e a regional apresentava um total de 224 mil habitantes. A renda média por família nesta regional era de 16 salários mínimos, sendo que a economia depende mais do setor de serviços. Com relação ao meio ambiente, esta regional apresenta um valor de 9,7m<sup>2</sup>, de área verde por habitante, sendo que neste

bairro a representação é de 42m<sup>2</sup> de área verde por habitante. Havia um grupo de jovens treinando golpes de lutas, e acrobacias, outros jogavam basquete na quadra, crianças brincando no parquinho, e uma menina andando de patins. Interessante a ocupação, visto que a visita foi realizada durante a semana, no período da tarde (Figura 7).



Figura 7. Praça Vinte e Nove de Março.

## 8. Praça Ouvidor Pardinho

Esta praça da regional Matriz está localizada no bairro Rebouças, antigo distrito industrial de Curitiba, que após a criação da CIC, precisou ser recuperado<sup>25</sup>. Assim como o bairro, a praça foi revitalizada, e hoje é a única praça pública de Curitiba que possui uma piscina térmica coberta. Porém, esta é utilizada pela SMEL, em parceria com a Secretaria de Saúde, porque esta Secretaria mantém uma Unidade de Atendimento ao Idoso<sup>26</sup>, neste espaço.

<sup>25</sup> Segundo o representante da SMMA, Sr. Sérgio Tocchio, em entrevista no dia 29 de março de 2006.

<sup>26</sup> "Unidade de Atenção ao Idoso - Ouvidor Pardinho - Atende à população, através de consultas médicas nas seguintes especialidades: ginecologia, geriatria, clínica médica, além de atendimento odontológico e de enfermagem. Oferece, ainda, serviços de inalação, vacinas, curativos e marcação de consultas especializadas. Oferece também terapia de apoio em parceria com a Universidade Tuiuti (nutrição, fisioterapia, fonoaudiologia, enfermagem, terapia ocupacional, psicologia, odontologia) e serviço de fisioterapia próprio no subsolo. São desenvolvidas atividades de educação física em parceria com a SMEL (Secretaria Municipal de Esporte e Lazer). A FAS (Fundação de Ação Social) realiza atividades educativas e lúdicas para a população que é atendida pela Unidade de Saúde. A Unidade dispõe também da Farmácia Curitibaana. O atendimento, inclusive da clínica odontológica, é de segunda a sexta das 7h às 19h." Disponível em <<http://www.curitiba.pr.gov.br/secretarias>> Acesso em 18 de novembro de 2006.

São desenvolvidas atividades voltadas para a população idosa: ginástica para a 3ª idade, ginástica para hipertensos, hidroginástica e caminhadas orientadas.

Possui uma quadra de futebol de areia, uma quadra de volei de areia, uma quadra poliesportiva e um parquinho. O bairro possui menos de 1m<sup>2</sup> de área verde por habitante, enquanto a regional tem em torno de 10m<sup>2</sup> por habitante. A renda média era de 14 salários mínimos por família e a população era de aproximadamente 17mil pessoas em 2000, segundo dados do censo do IBGE (IPPUC, 2006). A apropriação parece estar condicionada à presença da SMEL e SMS (Secretaria Municipal de Saúde). (Figura 8).



Figura 8. Praça Ouvidor Pardiniho.

## 9. Praça Oswaldo Cruz

Esta praça está localizada no bairro centro, em frente a uma edificação que já foi um quartel do exército e onde hoje há um *shopping center*. O destaque desta praça é o Centro de Esportes e Lazer Dirceu Graeser, que possui uma quadra poliesportiva, uma quadra coberta, uma pista de atletismo, uma piscina, uma pista de caminhada, uma sala

de ginástica, uma sala de ginástica olímpica, uma sala de boxe e uma sala de musculação. São desenvolvidas atividades de ginástica, ginástica para 3ª idade, alongamento, musculação, boxe, natação e iniciação esportiva (CATES) de natação, futsal, basquete, handebol, voleibol, ginástica artística e ginástica rítmica. A piscina é aquecida, tem 25 metros, porém não é coberta, o que limita seu uso devido às condições climáticas da cidade. Nesta praça são realizados diversos campeonatos e torneios, em virtude da Prefeitura não possuir outra opção de ginásio fechado, no caso, um ginásio municipal. O entorno da praça é de edifícios, e comércio, sendo que neste bairro há concentração da população, em torno de 36 mil habitantes no ano de 2000, segundo dados do IBGE, enquanto na regional o número de habitantes era de 224 mil (IPPUC, 2006). A economia desta regional se baseia principalmente na prestação de serviços, e o maior número de empresas prestadoras de serviço, assim como a maior concentração comercial está localizada neste bairro. Esta praça é certamente uma das mais movimentadas, pela diversidade de equipamentos que oferece, pela localização central, pelas características do Centro de Esportes e Lazer da PMC, e sem dúvida por ser uma das mais antigas com esta finalidade. Há pessoas caminhando, correndo, se exercitando, campeonatos, torneios, eventos públicos e não públicos, e sempre um grande número de visitantes e usuários (Figura 9).



Figura 9. Praça Oswaldo Cruz.

## 10. Praça Brigadeiro do Ar Mário Calmon Eppinghaus

Revitalizada em junho de 2006, após a solicitação da comunidade, esta praça recebeu novos alambrados em torno das quadras, pintura e reparo dos equipamentos existentes, além da construção de um Núcleo de Proteção ao Cidadão. O núcleo será em benefício de 11 bairros, das Administrações Regionais Boa Vista e Matriz. Os equipamentos que encontramos são: quadra poliesportiva com piso de asfalto, duas quadras de futebol de areia, pista para caminhada, estruturas de ferro e madeira para a realização de exercícios físicos, mesas de concreto para jogos de tabuleiros como dama e xadrez, mesa de concreto para tênis de mesa, parquinho, além de bancos, torneira, banheiro e vestiário, sendo estes trancados. Esta praça fica bem em frente ao IPPUC, e em uma região da cidade considerada nobre, com concentração de residências e edifícios de alto valor comercial, além de empresas prestadoras de serviços. No ano 2000, segundo o censo do IBGE, a renda média por chefe de família era de 22 salários mínimos, sendo que a população era de aproximadamente 11mil habitantes. No momento de nossa visita, um dia de semana à tarde, haviam aproximadamente 6 pessoas na Praça em atividades distintas. (Figura 10).



Figura 10. Praça Brigadeiro do Ar Mário Calmon Eppinghaus.

## 11. Praça do Semeador

A administração regional Bairro Novo é composta pelos bairros: Ganchinho, Sítio Cercado, e Umbará. Existem 25 praças nesta regional, apenas uma está no bairro Ganchinho, as demais estão no Sítio Cercado. O índice de área verde da regional é de aproximadamente 100 m<sup>2</sup> por habitante, sendo apenas 3 m<sup>2</sup> por habitante neste bairro, e aproximadamente 600 m<sup>2</sup> no Ganchinho e 500 m<sup>2</sup> no Umbará. Outra peculiaridade, é que 15 destas praças do Sítio Cercado e a única praça do Ganchinho não possuem nome, segundo dados do IPPUC de 2005<sup>27</sup>. Com relação à economia da regional, estima-se que 50% é oriunda do comércio, e no bairro Sítio Cercado a renda dos chefes de família era em torno de 3 salários mínimos em 2000, segundo dados do IBGE, e o número de habitantes era de aproximadamente 102 mil habitantes.

A Praça do Semeador é uma praça que ainda está sem nome nos registros do IPPUC, mas apesar de não haver placa no local, este é o nome conhecido pela comunidade do entorno. A praça possui dois campos de futebol com grama, três quadras de futebol de areia, um parquinho com brinquedos tradicionais, alguns bancos de madeira, e uma pista para caminhada. A localização é às margens do Ribeirão dos Padilhas, local em que houve um projeto de (re) urbanização, devido à ocupação desordenada em décadas passadas, e pela necessidade de recuperar áreas de mananciais, segundo o relato do representante do IPPUC, Sr. Lourival Peyerl<sup>28</sup>. Outra constatação é a existência de uma cerca ao redor de um dos campos de futebol, e que segundo os moradores serve para que algumas pessoas cobrem da comunidade um valor

---

<sup>27</sup> Disponível em <[http://www.ippuc.org.br/Curitiba\\_em\\_dados](http://www.ippuc.org.br/Curitiba_em_dados)> Acesso em 18 de novembro de 2006.

<sup>28</sup> Estas informações foram obtidas através de entrevista realizada no IPPUC, com Sr. Lourival Peyerl, chefe do Banco de Dados deste instituto, no dia 14 de dezembro de 2005.

para participar dos jogos, e das crianças para ter aulas de futebol. Há no local, uma placa da Associação dos Moradores do Bairro Novo, e de um time de futebol da cidade. É uma área bastante movimentada, e há apropriação. Em um domingo de manhã, e apesar do clima úmido, do terreno um pouco alagado, várias pessoas entre elas algumas crianças se concentravam em torno de dois brinquedos de parquinho infantil, e outras jogavam futebol, em um campo improvisado, além dos limites do campo cercado (Figura 11).



Figura 11. Praça do Semeador.

## **Capítulo 4**

### **Caminhos metodológicos:**

Assim como toda pesquisa necessita de planejamento, de recursos, de disposição, realizamos este estudo com uma aspiração, como se assemelhasse a uma jornada em que se fazem necessárias certas escolhas, etapas e procedimentos.

Desta forma, descrevemos os caminhos escolhidos para percorrer esta jornada, a pesquisa empírica.

Escolhemos a abordagem qualitativa inspirada na etnografia, tendo como referencial o modelo de análise cultural de Geertz (1989), desenvolvendo uma “descrição

densa”, das observações do cotidiano. Esta descrição densa a que Geertz se refere é mais do que técnicas e processos descritos pela etnografia nos livros (selecionar informantes, transcrever textos, mapear campos, escrever diários), segundo o próprio autor, estes itens são muito importantes, porém o que define a descrição densa é o esforço intelectual que esta abordagem representa.

O fundamental para esta análise que Geertz propõe é interpretar códigos estabelecidos, entender as estruturas de significação que existem no campo da pesquisa, através das descrições que se faz do ambiente, dos grupos, das pessoas e das relações entre elas. O que o etnógrafo encontra é uma multiplicidade de fatores que muitas vezes pode ser sentido como comum, como cotidiano, mas justamente pela descrição realizada é que se pode perceber as nuances destes códigos estabelecidos, dos reais significados que estes códigos representam e como são estabelecidos na população estudada.

Descreveremos a seguir os instrumentos e percursos que utilizamos para nos auxiliar em nossa jornada.

Iniciamos nossa pesquisa, selecionando doze praças, sendo quatro praças na Regional Matriz, e oito praças nas outras oito Regionais para realizarmos a análise dos espaços e dos equipamentos. Esta análise serviu como base para estabelecer um comparativo entre as praças, conforme sua localização geográfica e social em Curitiba.

Os critérios de escolha desta amostra foram as praças de maior área em m<sup>2</sup>, porém foram selecionadas somente aquelas que na sua concepção e implantação, tinham a finalidade e equipamentos para o esporte e o lazer. A escolha destas praças, assim como sua distribuição nas regionais seguiu o referencial do IPPUC, de 2005<sup>29</sup>.

Para realizar o mapeamento destas praças, utilizamos um protocolo de observação, que analisou a constituição dos espaços, seus objetivos, a acessibilidade,

---

<sup>29</sup> Relação de praças por regional, com localização, metragem e nome.

condições do local e dos equipamentos, a apropriação, qualidade ambiental e das instalações, além da descrição destes lugares (Apêndice A).

Em seguida à descrição e análise estrutural dessas praças, selecionamos a Praça Afonso Botelho, para um estudo mais aprofundado. Esta Praça foi escolhida, por seguirmos os critérios como: maior área nesta regional, diversidade de equipamentos e finalidade voltada para as experiências no âmbito do esporte e do lazer; localização próxima ao centro, o que poderia resultar em uma diversidade de pessoas, pois a população estudada seria composta por usuários desta praça; além de ser interessante a sua configuração por propiciar diferentes formas de usos, verificadas em estudo piloto realizado em 2005<sup>30</sup>.

Assim, procuramos uma correspondência na Praça Afonso Botelho, entre as experiências no âmbito do esporte e do lazer, oferecidas pela gestão pública, e aquelas realizadas pelos usuários da Praça, a relação destes usuários com o espaço, e com outros usuários, observando a formação de grupos.

A observação das práticas vivenciadas pelos usuários, foi registrada em um diário de campo, em que toda e qualquer movimentação na Praça Afonso Botelho, durante dez visitas no período entre julho e novembro de 2006, serviu como base para uma análise interpretativa. Estas visitas se alternaram em manhãs e tardes de dias de semana e fins de semana, com durações de três a quatro horas, cada. Para estabelecer a duração das visitas para o registro das observações, bem como o número de visitas realizadas com este propósito, escolhemos como critério a repetição ou a saturação dos fatos que aconteciam.

---

<sup>30</sup> Estudo realizado durante a disciplina Espaços e Equipamentos Urbanos do programa de Mestrado em Educação Física, e na disciplina Antropologia Urbana do Programa de Mestrado em Antropologia ambos da UFPR.

Estas observações foram seguidas por entrevistas parcialmente estruturadas (Apêndice B). As entrevistas parcialmente estruturadas, segundo Laville e Dionne (1999, p.333), são:

Entrevistas cujos temas são especificados e as perguntas (abertas) preparadas previamente. Mas toda liberdade é mantida no que concerne à retomada de algumas questões, à ordem nas quais as perguntas são feitas e ao acréscimo de outras improvisadas.

Desta forma, citamos (Apêndice B), as questões pertinentes à nossa pesquisa, ressaltando que outras questões podem ter sido incluídas ou até mesmo retiradas, conforme foi o decorrer destas entrevistas, mas foi mantida sempre a temática das práticas no âmbito do esporte e do lazer para os usuários.

As entrevistas foram gravadas em equipamento específico para gravação de voz (gravador tipo microcassete Panasonic), após autorização dos entrevistados, e seguiram os critérios de presença na praça durante as atividades, com relação às práticas percebidas como de maior ocorrência e procura pelos usuários.

Sendo assim, as entrevistas com os usuários foram realizadas em outros dias, num total de nove entrevistas, divididas em seis com usuários e três com usuárias. Esta diferença se deve ao fato da presença de usuários ser maior, e quando há presença feminina, esta se limita um pouco, aos cuidados com filhos ou netos. A seleção dos entrevistados seguiu o critério de aleatoriedade, e o número de entrevistados foi determinado pela repetição nas respostas obtidas.

Paralelamente à esta etapa, entrevistamos alguns representantes da gestão pública, no caso, órgãos como o IPPUC, a SMEL<sup>31</sup> e a SMMA<sup>32</sup>, para obter informações específicas e técnicas sobre as praças e os serviços referentes à estas.

---

<sup>31</sup> SMEL, Secretaria Municipal de Esportes e Lazer, Disponível em <<http://www.curitiba.pr.gov.br/Secretaria>> Acesso em 01 de abril de 2006.

<sup>32</sup> SMMA, Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Disponível em <<http://www.curitiba.pr.gov.br/Secretaria>> Acesso em 01 de abril de 2006.

No caso dos representantes da Gestão Pública, as questões (Apêndice C), envolveram a temática da constituição, conservação dos espaços e das atividades oferecidas. Assim sendo, foram entrevistados:

- Sr. Lourival Peyerl (chefe do setor Banco de Dados do IPPUC em 14 de dezembro de 2005)
- Prof. Fernando Sanches (coordenador da Praça Afonso Botelho, professor de Educação Física, representante da SMEL, em 08 de março de 2006)
- Sr. Sergio Galante Tocchio (diretor do Departamento de Parques e Praças da SMMA em 29 de março de 2006)
- Profa. Simone da Graça das Chagas Lima (superintendente da SMEL, professora de Educação Física, em 01 de novembro de 2006).

Após a coleta de dados, procedemos a transcrição das entrevistas e análise dos resultados, aproximando o referencial possível dos registros coletados, classificando-os, tendo como inspiração as categorias desenvolvidas por Magnani (2002) e outras que surgiram a partir de nossas observações.

## CAPÍTULO 5

### Praça Afonso Botelho: o foco de muitas observações...

A análise de uma praça pode nos permitir iniciar uma investigação observando a apropriação deste espaço, pois, segundo Robba e Macedo (2003), “as praças públicas são espaços construídos para o lazer e a convivência dos moradores de uma cidade”.

A escolha desta praça seguiu critérios estabelecidos, como área em metros quadrados, e a diversidade de equipamentos destinados às práticas corporais no âmbito do esporte e do lazer.

Desta forma definimos a escolha pela Praça Afonso Botelho, no bairro Água Verde, na cidade de Curitiba, sendo que esta praça está localizada dentro da Administração Regional do Portão (Figura 12).



Figura 12. Praça Afonso Botelho.

## **Praça Afonso Botelho: outros motivos para a escolha...**

Com aproximadamente 27 mil m<sup>2</sup>, esta praça está localizada entre as ruas Brigadeiro Franco, Buenos Aires, Getúlio Vargas e Engenheiro Rebouças no bairro Água Verde, na cidade de Curitiba (Apêndice D). Este bairro é formado por uma população na maioria jovem, sendo a maior concentração da população entre as faixas etárias dos 10 aos 49 anos, em proporção similar para homens e mulheres. A população aproximada do bairro no ano 2000, era de 49 mil habitantes, e esta região da cidade oferece uma grande variedade de serviços, comércio e moradias. Também é uma região em que se concentra um índice de renda salarial por pessoa, dos mais elevados da cidade. No entanto, apresenta índice bem abaixo quando comparado a outras áreas da cidade no que se refere à áreas verdes, e são poucas as opções de espaços para o lazer, esporte e cultura. Estas opções são os restaurantes, bares, lojas e um *shopping center*. (IPPUC, 2006)

Porém encontramos nesta praça, uma unidade da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SMEL), órgão público que é responsável pela oferta de programas de esporte e lazer para a comunidade. O Centro Esportivo Afonso Botelho foi inaugurado em 29 de março de 1972, parte das comemorações do aniversário da cidade<sup>33</sup>.

Também nesta praça, está localizado o Estádio Joaquim Américo, conhecido por Kyocera Arena, ou Arena da Baixada, de propriedade de um dos principais times de futebol da capital paranaense, o Clube Atlético Paranaense, e que possui torcida organizada, cuja sede fica nas proximidades da praça e do estádio.

Outro fato importante da história desta praça foi a consecutiva e freqüente apropriação por parte de moradores de rua, usuários e traficantes de drogas e da localização de pontos de prostituição. Entretanto, a gestão pública já proporcionou a

---

<sup>33</sup> Disponível em <[http://www.ippuc.org.br/BancodeDados/Curitiba\\_em\\_dados](http://www.ippuc.org.br/BancodeDados/Curitiba_em_dados)> Acesso em 20 de março de 2006.

praça algumas revitalizações e remodelações, segundo informações obtidas em entrevista realizada com Sérgio Galante Tocchio<sup>34</sup>, com a implantação de alguns equipamentos como: pista para a prática de *skate* e pista para caminhada, além da colocação de cercas e a instalação de um módulo policial.

Em entrevista realizada com Lourival Peyeri<sup>35</sup>, foi possível perceber também que são as formas de apropriação de determinados grupos da sociedade, considerados marginais que determinaram a demanda por estas “barreiras” (cerca, grade, módulo policial e controle dos horários de funcionamento). Além, é claro da preocupação em servir bem ao restante da população que deixa de freqüentar estes espaços, e que solicita sua renovação, bem como a tentativa de retirar estes ocupantes deste local. Quando questionamos o motivo da revitalização da praça, e da instalação de cercas e do módulo, ele respondeu:

...Ali tem questões de segurança que a gente se defronta muito. Então exige um trabalho da Administração Regional um pouco mais intenso nisso. De você também não permitir que haja uma apropriação inadequada. E isso muitas vezes acontece, e pode ter acontecido ali, tanto que o módulo policial voltou, porque necessita de segurança. Se você deixar isso sem nenhuma vigilância... Agora a Guarda Municipal inclusive, está cuidando dos parques e de algumas praças, porque acho que isso é sinal dos nossos tempos. Não há como você não manter uma vigilância, inclusive policial.

Mas, além destes equipamentos e dessa vigilância podemos destacar outras possibilidades que fazem com que esta praça tenha uma movimentação e uma busca por parte da população (Figura 13).

---

<sup>34</sup> Diretor do Departamento de Parques e Praças, da Secretaria Municipal do Meio Ambiente - (SMMA) da Prefeitura Municipal de Curitiba, em entrevista cedida em 29 de março de 2006.

<sup>35</sup> Chefe do Banco de Dados do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) em entrevista cedida em 14 de dezembro de 2005.



Figura 13. Vista panorâmica da Praça Afonso Botelho.

### **Constituição da praça: equipamentos**

Com relação aos equipamentos que constituem a praça, observamos a existência de uma pista para caminhada, onde é possível perceber crianças com patins e bicicletas, pessoas passeando com seus cães e, em raros casos, alguém correndo. O piso é de asfalto e sua extensão atinge a maior parte da praça. Existem também várias estruturas de ferro e madeira para a prática de exercícios físicos.

A praça conta com uma quadra de futebol de areia, três quadras de voleibol também de areia, uma quadra poliesportiva de asfalto (com demarcações e limitada por telas de arame assim como as demais), uma pista de *skate*, uma pista circular com piso de concreto, para patinar ou para recreação das crianças, dois espaços para recreação infantil, cujo piso é de areia, com brinquedos tradicionais em metal e madeira, sendo compostos de escorregadores, gangorras, e um trepa-trepa.

Além destes equipamentos, há ainda uma mesa para tênis de mesa, de concreto, que apresenta condições regulares para uso, quatro mesas de concreto para jogo de dama ou xadrez com tampo de pastilhas de vidro, em uma área bastante arborizada, além de bancos de madeira e ferro espalhados por toda a praça, ao redor de espaços gramados, nos corredores centrais da praça, e em torno da pista de *skate*.

Por fim, destacamos o teatro aberto, com concha acústica em placas de pedra, com arquibancada em degraus na encosta do terreno da praça, que tem acesso pela rua principal do bairro.

Existem na praça, duas edificações, que são: o módulo policial, e a sede da SMEL, esta, contando com sanitários e uma cozinha utilizada pelos funcionários que trabalham na praça. Embora o módulo esteja no terreno da Praça, está todo cercado ao seu redor, não tendo comunicação direta com a praça. E, a edificação da SMEL, fica embaixo de uma área mais elevada do terreno, em que foi aproveitado o desnível para construí-la quase como um porão. Não há qualquer placa ou sinalização de que ali existe um Centro de Esporte e Lazer, ou os sanitários. Há ausência de referências visuais sobre as atividades e sobre os equipamentos.

O acesso ao referido espaço público pode ser feito no período da 08h00 às 22h00, diariamente, por escadas ou rampas, que ficam ao nível das quatro ruas em que a praça se insere, por meio de portões e grades, os quais cercam toda a praça. A manutenção da praça é realizada sistematicamente por uma equipe da SMMA, ou a partir de solicitações feitas ao 156, conforme informações obtidas nas entrevistas realizadas com os diretores do IPPUC e da SMMA.

Quanto à segurança, tanto dos usuários quanto dos equipamentos parece ser realizada pela Polícia Militar, a partir do módulo instalado no local (Figura 14).



Figura 14. Equipamentos da Praça Afonso Botelho.

### **Usuários: a hora e a vez da observação:**

Iniciamos a nossa observação sistemática (registrada em diário de campo, conforme dissemos anteriormente) obedecendo alguns critérios: dias da semana, dias de final de semana, e períodos alternados como manhãs e tardes. O que notamos logo de início é o fluxo de jovens na pista de *skate*, independente do dia da semana e do período. A pista parece ter um movimento próprio, diverso do restante dos equipamentos da praça. É estabelecido um fluxo contínuo, porém com atores variáveis.

Algumas cenas se repetem invariavelmente durante os dias, e a partir destas cenas pudemos identificá-las com algumas categorias, que denominamos de bloco, vitrine, passarela, atalho e círculo, e que foram construídas a partir da inspiração das categorias desenvolvidas por Magnani (2002) e que são: pedaço, mancha, circuito e trajeto.

Então, destacamos os grupos observados durante a pesquisa nesta Praça. São eles:

## **O Futebol ou ... Bloco:**

O que registramos, neste momento são as possibilidades que a rua oferece, não no sentido físico, mas no sentido de vivências, de encontro, de sociabilização, segundo autores como Da Matta (1985) e Sennett (1998).

Como a rua perdeu o espaço para a fruição dos moradores, a praça hoje funciona como este espaço de lazer, que traz as pessoas para fora dos portões de casa, mas que guarda as características de pertencimento, de um grupo, neste outro espaço, como se fosse o jardim ou o quintal, permitindo o encontro diário, as relações de amizade, de companheirismo, além das práticas físicas ou esportivas.

Observamos um grupo de garotos na faixa etária de aproximadamente 10 aos 14 anos, que se reúne todas as tardes na praça para jogar futebol. Eles vão chegando aos poucos, se organizando e montando os times. Não passam de dez, e sempre um deles traz uma garrafa de refrigerante que é guardada na geladeira da sede da SMEL, e dividida após o jogo entre todos.

Também fazem parte desse cotidiano, funcionários de empresas próximas que utilizam os horários da quadra à noite e os jovens que fazem parte do CATES<sup>36</sup>, os quais eventualmente participam de torneios e campeonatos. Assim, o bloco se constitui por grupos que se encontram para o futebol, e que mantêm laços afetivos através da sociabilização nos jogos. Ainda podemos considerar como pertencentes à outro bloco,

---

<sup>36</sup> “Programa CATES - iniciação esportiva em várias modalidades, para participantes entre 7 e 17 anos. As atividades acontecem nos centros de esporte e lazer e em espaços alternativos de comunidades que firmam convênio com a prefeitura. Durante o ano são realizados torneios nas modalidades de futebol, futebol de salão, voleibol e basquetebol, que visam à integração de todos os participantes do programa” (PMC, 2006). Disponível em <<http://www.curitiba.pr.gov.br>> Acesso em 15 de agosto de 2006.

membros da Torcida Organizada do Clube Atlético Paranaense que se reúnem eventualmente para jogar futebol na praça.

Dessa forma, fazemos uma analogia com a categoria desenvolvida por Magnani (2002), denominada pelo autor como pedaço, o qual “supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles”. Estes códigos determinam quem é do pedaço e quem não é. A rede de relações que se estabelece, é marcada pela combinação de laços de parentesco, vínculos de participação em atividades comunitárias e desportivas, entre o espaço familiar e o público. Outro fato importante é que o pedaço pode se deslocar para outros espaços geográficos.

Este grupo parece se assemelhar ao pedaço, porém como ocorre em um espaço físico mais limitado que aquele descrito pelo autor, e pelas discontinuidades desta prática, entendemos que esta categoria solicita outra denominação.

Acompanhando a reflexão de Da Matta (1985), sobre a relação do tempo e espaço, em que a sociedade contemporânea vive em dias regidos pelo tempo de obrigações, sejam ela trabalho ou cuidados pessoais, obrigações domésticas, políticas, religiosas e outras, e analisando a fala de nossos interlocutores, além de nossas observações, podemos verificar que o grupo que se reúne para o futebol, guarda referências familiares, de reconhecimento mútuo, de cuidado, atenção e afeição. Pelos desdobramentos que pudemos verificar fora do esporte propriamente dito, em que funcionários de uma mesma empresa, colegas de escola, jovens que se conhecem na praça, e membros de uma mesma torcida procuram prolongar este tempo de convivência, em outras atividades, sejam estas o futebol ou dividir uma garrafa de refrigerante, seja pela presença do Coordenador da praça, trazendo biscoitos para os garotos, seja pelos apelidos que surgem, ou seja, pelo sentimento de pertencimento e de propriedade de um jeito de ser, viver e conviver, portanto se assemelha à um agrupamento compacto, coeso e que pode

ter esta configuração parecida com um bloco carnavalesco, pela alegria e companheirismo, similar à uma festa (Figura 15).



Figura 15. Partida de Futebol na Praça Afonso Botelho (domingo à tarde).

Portanto, ao observar a configuração deste grupo que sempre está reunido em torno de uma atividade, lembramos de um bloco, em que fatores internos mantêm esta unidade. São as relações afetivas, um sentimento de pertencimento e de propriedade de um jeito de ser, viver e conviver.

Acompanhando este bloco do Futebol, conversamos com alguns participantes que reforçaram nossas observações. Quanto aos grupos que se formam, um deles comentou:

Eu venho sozinho, mas sempre encontro os amigos, o pessoal do colégio. Tem um pessoal que a gente conheceu no colégio, tem um pessoal que a gente conheceu aqui na praça. (Filipe)<sup>37</sup>

Da mesma forma quando entrevistamos Douglas, morador de uma favela próxima e que tem por ocupação principal “trabalhar no papel”<sup>38</sup>, e perguntamos a respeito da praça, respondeu:

Venho porque aqui a gente tem amizade, e em outras praças a gente não conhece ninguém. Muitas vezes trago meu irmão e meu sobrinho para brincar... É uma coisa boa né, muita gente que é viciado em droga vem aqui e começa a esquecer um pouco, por isso que eu gosto de praticar esporte, pra não ficar ouvindo muito falar nisso.

<sup>37</sup> Usuário da praça em entrevista realizada no dia 08 de novembro de 2006.

<sup>38</sup> Usuário da praça, que trabalha no mercado informal da coleta de lixo reciclável, e que vai todos os dias à praça para praticar esportes e encontrar os amigos, em entrevista no dia 22 de novembro de 2006.

Outro entrevistado, Eduardo (Gabiru)<sup>39</sup> disse que:

Venho acompanhado, encontro com outros amigos, já fiz várias amizades, conheço o professor, o Douglas, o estagiário... Já fui campeão paranaense de *beach soccer* aqui na praça. Daí fomos pra Vitória para o campeonato brasileiro...

O que registramos destes comentários, é o envolvimento dos usuários com os outros participantes, as referências, pessoais e espaciais que permitem o estreitamento de laços de pertencimento a partir de uma atividade proposta pela gestão, mas acima de tudo pelo reconhecimento de valores como afetividade, companheirismo e sociabilidade.

São indicativos de relações singulares que ocorrem a partir das escolhas individuais de participar desta prática, mas que acarretam na construção de um panorama coletivo, resultado da formação do grupo.

Partindo deste bloco, percebemos outra formação, que conforme citamos anteriormente, se aglutina em torno da pista de *skate*, porém os participantes variam bastante. É um grupo diversificado, a que classificamos de vitrine.

### **O *Skate* e a Vitrine:**

O *skate* é uma atividade livre, realizada por pessoas das mais diferentes faixas etárias, e que embora requeira o uso de instrumento específico (*skate*), e alguma habilidade específica, não parece limitar, ou restringir a prática. Na Praça Afonso Botelho não há qualquer programa desenvolvido para esta modalidade, e existem várias questões acerca desta prática e de seus praticantes que observamos.

A pista de *skate* provavelmente é o equipamento mais procurado da Praça. Conforme comentamos, parece ter um outro movimento, pois durante o horário de

---

<sup>39</sup> Apelido que recebeu dos amigos pela forma de jogar e semelhança física, segundo o grupo com o jogador Adriano “Gabiru”, que já foi jogador do Clube Atlético Paranaense.

funcionamento da praça, sempre há presença de *skatistas*. Nos dias em que observamos a pista, pudemos perceber que há certa regularidade na frequência de uso deste equipamento.

Em geral, os garotos se encontram na pista, em alguns casos, chegam em duplas ou em grupos. Não há aparentemente ninguém que determine o modo de usar a pista, mas há algum tipo de regra que determina que quando um tenta uma manobra, outros esperam, independente da idade ou de qualquer outra condição que possa existir. Às vezes, pode se ouvir algum assovio quando alguém sai pela rampa fazendo manobras, o que pode ser um sinal ou aviso (Figura 16).

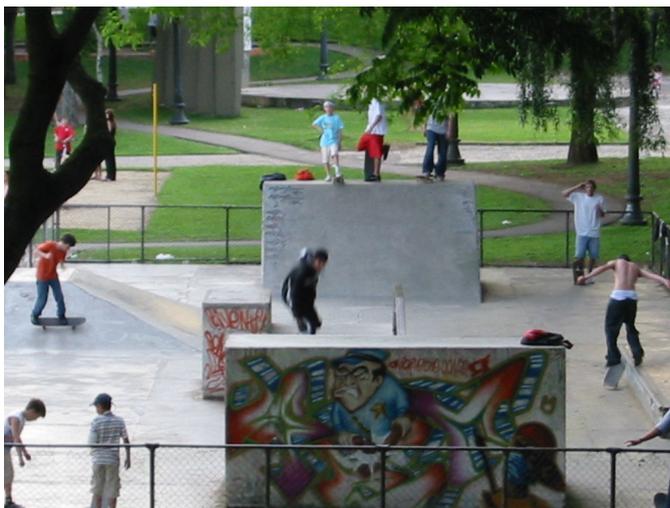


Figura 16. Usuários da pista de *skate* em um final de semana na Praça Afonso Botelho.

Notamos também que há sempre um número de pessoas do lado de fora, assistindo, e em alguns dias percebemos que mesmo trazendo *skates* estas pessoas não entraram na pista. Em nenhum destes dias conseguimos ver meninas na pista, apenas duas garotas passaram uma tarde, andando de *skate* pela pista de caminhada.

Este registro pode sugerir que há algum tipo de fronteira que permite ou não que o equipamento seja utilizado por qualquer pessoa, embora os usuários entrevistados afirmem que qualquer pessoa independentemente de sexo, faixa etária ou outra condição

poderá entrar na pista e participar. Esta abertura incondicional para a prática do *skate* parece realmente existir, pois é comum, meninos que não possuem um *skate*, emprestar de outros, para “arriscar umas manobras”, ou “dar uma voltinha”, assim como a presença de crianças menores, acompanhadas pelos pais.

Entretanto, apesar deste envolvimento destes jovens com a pista e esta prática, nossa análise recai sobre alguns outros aspectos. Há a formação de um conjunto de jovens, que estão ali para serem observados, buscando certo reconhecimento pelo esforço, e pelas conquistas pessoais a que eles atribuem valores: a dedicação, a evolução, o crescimento ou como diz Giancarlo<sup>40</sup> :

A gente aprende o *skate* sozinho, é uma evolução. A gente se espelha assim em gente que fica famosa com o *skate*, a gente também vê como essas pessoas crescem, através do *skate* e a gente tem essa força, e tem essa vontade, a gente consegue, é ser humano e sabe que a gente consegue, é só querer. Isso faz com que a gente se inspire e aprenda entendeu?

Além destes itens de distinção, outros elementos bastante comuns entre estes jovens é o vocabulário, os trajes, e a música. Vários deles comentaram que tocam instrumentos, participam de bandas ou sonham em se profissionalizar como músicos. É claro que não é qualquer estilo musical, aí também há influência de um movimento específico, o *hip hop*<sup>41</sup>.

Quando perguntamos à Giancarlo sobre suas atividades diárias, ele respondeu: Minha ocupação é o *skate* e tô procurando seguir a carreira musical. Outro entrevistado, Tiago, disse que: Sou músico, estudante e esportista... Nós temos uma associação da cultura *hip hop* do Paraná e eu sou da secretaria. E Bruno, que estudou até a 8ª série do

---

<sup>40</sup> Usuário entrevistado em 14 de novembro de 2006.

<sup>41</sup> É um movimento que surgiu no final da década de 1960, nos subúrbios de Nova Iorque, devido à vários problemas comuns como violência, pobreza, tráfico, entre outros que faz com que os jovens criem manifestações de cunho artísticos, nas ruas, único espaço de lazer destes jovens (SOUZA E RODRIGUES, 2004).

ensino fundamental, disse que suas atividades diárias são: *Skate* de manhã, tarde e noite. Eu dou aula de *skate* com meu amigo Gigante, na pista que tem lá atrás do autódromo.

Em referência a estes comportamentos, percebemos que eles esperam oportunidades de serem vistos e reconhecidos no espaço social e no espaço geográfico, porém, consideramos o fato de que se há esta disposição para se apresentar, se mostrar para o mundo, e conseguir reconhecimento, percebemos que há uma lacuna entre suas vontades e entre o que a gestão pública proporciona nesta Praça e para este equipamento. Como encontramos em Bramante (1993, p.167):

Vale destacar a necessidade de se oferecer oportunidades que atendam aos diversos interesses culturais... São poucos os diagnósticos, os inventários de recursos existentes ou mesmo o conhecimento dos hábitos de lazer dos distintos segmentos da população.

É notório que não há qualquer programa ou incentivo a esta prática, embora estes jovens se organizem em grupo pela prática esportiva, espontaneamente.

Em uma visita, em que nosso objetivo era observá-los, presenciamos uma discussão entre alguns destes usuários e o Coordenador da unidade da SMEL, que está localizada na Praça. Eles reclamavam das condições da pista, da limpeza, dos sanitários, da grade que cerca a pista, entre outras questões. O Coordenador dizia que já havia feito as solicitações e que não sabia por que ainda não haviam sido atendidas.

Conseguimos conversar com alguns integrantes desta prática e o que pudemos perceber é a reivindicação para as condições do equipamento em torno do qual eles se aglutinam, e que segundo sua percepção, são preteridas. Quando perguntamos sobre a manutenção da Praça, para Tiago<sup>42</sup> a resposta foi: A Prefeitura só funciona na Praça para limpar.

---

<sup>42</sup> Usuário da praça em entrevista realizada no dia 14 de novembro de 2006.

Enquanto para Giancarlo<sup>43</sup>:

A pista fica muito de lado, se queima uma luz ninguém vem trocar. A praça é enorme, falta uma iluminação boa, não só pelo fato da gente estar aqui, mas pela segurança. Acho que é uma obrigação deles fazerem aqui, mas não fazem.

Para Bruno<sup>44</sup>, as condições da pista são percebidas:

Caindo no chão, por causa dos buracos na pista, por causa dos galhos das árvores que caem na pista e ninguém limpa... às vezes a pista é utilizada como banheiro por mendigos que dormem aí, fica uma sujeirada.

No mesmo dia, depois de presenciar esta discussão, o Coordenador nos apresentou cópia dos documentos enviados à Administração Regional, com as solicitações para reparos na pista, limpeza e manutenção do equipamento. Entretanto, não conseguimos esclarecimentos sobre o atendimento à estas solicitações.

Lembramos porém, que a ênfase na participação popular cresceu a partir de 2000, sendo que, Curitiba tem como marca da gestão atual, “Curitiba a cidade da gente”, que busca identificar a população com o sistema de administração, caracterizada pela participação ativa, segundo a PMC (2006).

Porém de que forma ocorre esta participação, se as solicitações e reclamações, como estas são atendidas, se a gestão pública, tendo vários órgãos atuando num mesmo espaço, consegue responder às necessidades dos usuários, são questões pertinentes à este momento.

Quando perguntamos sobre a intervenção da gestão pública na Praça, estes usuários falam que a Prefeitura apenas coloca o equipamento, mas não dá condições para que o esporte e seus praticantes se desenvolvam.

Para Giancarlo, a intervenção da gestão é:

---

<sup>43</sup> Usuário da praça em entrevista realizada no dia 14 de novembro de 2006.

<sup>44</sup> Usuário da praça em entrevista realizada no dia 14 de novembro de 2006.

Importante, mas na verdade a prefeitura no meu ponto de vista não tem feito nada. A gente não vê obra, não vê reforma, não vê nada. Deixam de lado mesmo, esquecem. Assim pelo fato que eles acham: - *skatista* é aquilo dali, tem que ser assim, e o *skatista* que procure. Como dizem né, se quiserem mudar. Mas eu acho que não, que eles têm que fazer a parte deles.

O outro usuário entrevistado, Bruno comenta que:

Tem espaço na praça, a pista poderia ser ampliada, conheço outras pistas, lá atrás do autódromo, do Gaúcho, do Jardim das Américas, que também tem bastante gente. Aqui tá cheio de buraco.

Enquanto para Tiago, a prefeitura também poderia proporcionar outras atividades:

Ali na Concha Acústica, poderia ter muitos eventos culturais e não tem nenhum, nunca teve e o único que teve foi uma divulgação da pista de *skate*, mas há uns dois anos atrás.

Existem algumas considerações a fazer a respeito de algumas particularidades que ocorrem a partir desta atividade:

Temos poucas pistas públicas, como esta em Curitiba, e aparentemente, os jovens se deslocam entre elas com a mesma finalidade, “evoluir”<sup>45</sup>, ou seja, melhorar seu desempenho, e conquistar uma oportunidade de ser visto, pois cada pista também guarda particularidades na constituição física que permite outros movimentos, outras “manobras”.

Em geral, o movimento feminino na pista aparece em menor número, e, na maioria das vezes, a participação é para observar, assistir, acompanhar.

A permanência dos participantes na pista é bem superior em termos de tempo, segundo as entrevistas e observações do que em outros equipamentos, e em outras atividades na Praça.

Uma solicitação bastante comum, por parte deste grupo, é a construção de mais sanitários, e que se localizem próximos da pista, pois conforme observamos e de acordo com suas reclamações, os existentes estão sempre trancados, sob a guarda dos

---

<sup>45</sup> Termo comum entre os participantes, que significa melhorar seu desempenho.

funcionários da SMEL, e repetidamente, há dejetos humanos perto das árvores que ficam ao redor da pista, e até mesmo na pista.

Apesar destes fatos que ressaltamos, é possível perceber que esta prática cresce diariamente, pela necessidade de alguns participantes em acreditar que terão resultados e conquistas através de seu desempenho, levando consigo referências de outros que se distinguiram, e influenciando outros que vão chegando.

Desta forma, entendemos que este grupo se assemelha a uma Vitrine, pois estes integrantes esperam mais, suas expectativas vão além do equipamento, e das relações que aí se desenvolvem. Os participantes desta atividade esperam uma oportunidade de serem vistos e reconhecidos, buscando metas nas referências de quem pratica esta modalidade e conseguiu conquistar sucesso.

Esta categoria nos remete para o circuito de Magnani (2002):

Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais.

A formação destes grupos, segundo o autor, pode estar atrelado a segmentos de pessoas, como por exemplo: jovens, idosos, crianças, mulheres, entre outros ou a uma classificação de serviços: cinemas, artes, moda, entre outros.

Outro grupo que se destaca por sua formação, é de usuários que praticam o voleibol. Este grupo tem características muito diferentes dos outros já comentados, por isto abordaremos sua conformação.

### **O Voleibol ou a Passarela?**

O Voleibol de areia é uma prática mais freqüente à noite e nos finais de semana. Parece ser considerada por alguns dos praticantes como distintiva, devido à sua forma de

comportamento. É bastante comum a reclamação por parte de alguns usuários sobre a impossibilidade de participar, motivada pela rejeição daqueles que se sentem como proprietários do equipamento, necessitando em alguns fins de semana, da presença do coordenador da unidade da SMEL para garantir que todos tenham acesso ao espaço. Os usuários que se consideram mais velhos na praça costumam ficar horas seguidas nesta prática, e se organizam de forma a não permitir que os mais novos se estabeleçam (Figura 17).



Figura 17. Voleibol na Praça Afonso Botelho.

Embora haja bastante diferença nas práticas, algumas reivindicações são comuns, como os banheiros, e o pouco envolvimento da gestão com este grupo, conforme relata uma participante:

Eu venho duas a três vezes por semana, para jogar, gostaria que tivesse mais equipamentos, que daí o pessoal ia vir mais. Rede e bola que não tem, ou as pessoas trazem o seu material... Eu vejo meninos ali na pista de *skate* se drogando, ontem mesmo tinha uns meninos fumando. Você não vê um policial passar por aqui. Olhe, eles ficam ali mais trancados que a gente. (Sandra)<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Usuária, joga volei e é mãe de dois adolescentes que usam a pista de *skate* ou jogam basquete. Ela disse não conhecer a estrutura da SMEL, não sabia que havia disponibilização de material e nem a unidade que fica segundo ela “escondida”, pois não há placa, ou qualquer informação a este respeito.

Este comentário mostra que os participantes desta atividade disponibilizam mais tempo para suas atividades profissionais e outras obrigações, pois sua permanência na Praça é restrita em tempo, mas assim como o *skate*, parecem querer algum reconhecimento, e a presença da gestão para atender suas necessidades.

A prática exige um pouco mais de habilidade, pois seus fundamentos básicos são mais técnicos e específicos, requerendo um maior investimento em termos físicos. E por ser uma atividade coletiva e não individual, é necessária a aceitação do grupo para que outros sujeitos participem.

Sendo assim, percebemos uma provável semelhança do espaço do volei com uma Passarela, onde os participantes buscam um reconhecimento pessoal por suas habilidades, mas criam conflitos, pelo alto valor competitivo, pela técnica e especialização da prática e pela conquista de um espaço, para fazer parte do grupo. Estes valores podem se refletir numa sensação de dominar, de subjugar pelo poder conquistado, valorizando aqueles que conseguem, que têm habilidade, em detrimento daqueles que não têm.

O destaque para um modo, uma distinção, ter algo em evidência, mostrar o que se tem e o que se pode, muito próximos do esporte a que estamos acostumados, nos dias atuais conforme reforça Bruhns (1993, p.46):

Uma metodologia cujo objetivo é a perfeição de exercícios, o rendimento. O esporte vem se enquadrar nessa proposta dentro de uma ideologia a serviço da racionalidade do sistema, com uma preocupação mais voltada para a quantidade do que para a qualidade de vida, do ter em detrimento do ser, mostrando um certo desprezo em relação aos aspectos humanos.

Desta forma, ressaltamos o efeito da prática sistemática de uma modalidade que busca a notabilidade, reforçada por aspectos produzidos por esta sociedade que busca o

consumo a que a autora se refere, em prejuízo à uma participação em que a busca pela ludicidade seria a alternativa que traria uma certa leveza para os dias em que vivemos. O humor, a alegria, inerentes ao “espírito lúdico”, conclui Bruhns (1993) no jogo que exige um parceiro enquanto o esporte exige um adversário.

Há ainda uma movimentação de pessoas na Praça, independente das práticas que ali se realizam. Esta movimentação pode ser observada em qualquer momento, e sugere uma alternativa de uso da Praça.

### **Atalho:**

O crescimento das cidades modificou as ruas, que eram os espaços de lazer e de encontro, estas “adquirem então uma função peculiar: permitir a movimentação; se elas constroem demais a movimentação, por meio de semáforos, contramãos, etc., os motoristas se zangam ou ficam nervosos” (SENNETT, 1998).

O autor fala dos motoristas que hoje são os usuários das ruas, estas em geral só permitem os deslocamentos de veículos. Mas e os outros usuários que não se deslocam com veículos?

As possibilidades de deslocamentos nas cidades, para quem transita sem veículo, são limitadas pela movimentação das ruas e por barreiras físicas, como as edificações, por exemplo.

Quando falamos de uma cidade, não podemos esquecer que os atores sociais, no seu dia-a-dia têm outras atividades e percorrem outros espaços além das praças e de suas casas.

Existem alguns percursos realizados pelos sujeitos, independentemente deles fazerem parte dos blocos, vitrines e passarelas, no caso da Praça Afonso Botelho.

Estes percursos entre este e outros espaços, lugares e equipamentos, nos fazem recordar que as praças surgiram como uma possibilidade de servir para o encontro da população, para interromper um traçado contínuo de casas, prédios, e escritórios, ou ainda como forma de devolver para a população um espaço livre.

Então, este espaço livre pode facilitar o deslocamento se desdobrando em certos percursos para aquelas pessoas que não podem ou não querem se utilizar das ruas.

São as pessoas que caminham com seus cães. São jovens, senhoras, ou casais, que atravessam a praça, utilizando-a apenas para ir e vir, sem se preocupar com o ambiente. Numa atitude apenas de transitar, pois a praça parece estar interrompendo o caminho. Este vai e vem, para nós, constitui o atalho.

O Atalho é um movimento, facilitado por recortes no espaço, que ligam um lugar ao outro. Esta configuração é baseada em uma outra categoria de Magnani (2002), o trajeto, termo que “aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas”, porém este se aplica a uma dimensão geográfica mais ampla do que o nosso restrito espaço da Praça e do seu entorno.

Ressaltamos um caso bem específico deste movimento, para a Torcida Organizada “Os Fanáticos”, do Clube Atlético Paranaense, que têm a possibilidade de conectar a praça, o estádio e a sede (Figura 18).



Figura 18. Usuários da Praça Afonso Botelho.

Uma outra possibilidade que as práticas, equipamentos e a constituição da Praça permitem é manter um fluxo em torno de eventos e de outras atividades. Desta forma identificamos outras alternativas para os usuários.

### **Círculo:**

A praça por ser um espaço amplo, com diversidade de equipamentos e atividades, e por ser pública, pode permitir outras possibilidades de movimentação, pois é comum a realização de eventos, sejam esses, competitivos, religiosos, políticos, entre outros.

Portanto, surge uma outra configuração muito específica deste espaço, em que podemos destacar a participação dos blocos, vitrines e passarelas nos torneios e eventos realizados nessa praça, formando um círculo.

Este círculo que se forma,

Entretanto, quando nos referimos ao círculo, entendemos que trata-se de um agrupamento em torno de eventos, outros equipamentos ou outras atividades e serviços, que gera um movimento diferente do usual, para os integrantes do bloco, da passarela ou da vitrine.

Portanto, o círculo gera também um movimento dos participantes dentro de cada categoria, e entre estas, mas por outro lado, tem uma limitação, por este movimento ocorrer nas fronteiras contíguas à Praça.

Exemplificando, este movimento pode se dar através dos torneios de *beach soccer*, de *skate*, de volei de areia, realizados na praça por entidades, ou pela gestão pública, em que integrantes do bloco, da vitrine ou da passarela, podem participar. Pode ocorrer

ainda, o caso de participantes do volei jogarem futebol, ou o contrário, ou realizar qualquer outra prática na praça, que não aquela usual.

Destacamos diferenças nas experiências tanto com relação às práticas, aos grupos, mas também com relação ao tempo de permanência na Praça. Há diferenças no número de pessoas, e diferenças quanto aos gêneros, idade e ocupação. Estas diferenças se acentuam durante a semana, nos finais de semana, e nos períodos do dia.

### **Lazer e lazer nos fins de semana:**

Assim, registramos que há algumas características específicas que envolvem as experiências vivenciadas pelos usuários nos equipamentos de esporte e lazer da Praça Afonso Botelho. Notamos também algumas experiências significativas do ponto de vista do desenvolvimento das experiências lúdicas, elemento central para um significativo número de autores no que concerne o âmbito do lazer, sendo que destacamos entre eles Bramante (1998, p.11):

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade.

São estas experiências pessoais e criativas que significam para Certeau (1994) que, “as pessoas ordinárias” possuem uma criatividade que as libera da condição de passivos, para uma possibilidade de fazer uso do que se apresenta de outra forma que não aquela que está imposta.

As transformações na cidade, nas relações com o trabalho, nas mudanças no estilo de vida, das pessoas “ordinárias”, fizeram com que as relações com o bairro, e a apropriação com os espaços públicos e privados também se modificasse.

As problemáticas para Certeau *et al.* (1996) sobre estas novas formas de organização da vida passam por dois prismas: Os “comportamentos” (modo de vestir, de andar, de saudar, de valorizar ou desvalorizar o espaço) e os “benefícios simbólicos” que estes comportamentos vão causar nas relações que o usuário terá com os outros e com o espaço, isso é “as mil maneiras de consumir e de fazer uso”.

Enfatizamos que não é incomum na Praça Afonso Botelho, ver meninos jogando tênis de mesa, utilizando as mãos como se fossem raquetes e uma bola de volei, no lugar da bolinha. É freqüente também perceber crianças brincando livremente ao redor dos brinquedos, de outra forma que não a convencionalizada pela especificação do escorregador ou da gangorra.

Crianças que utilizam a pista de caminhada, de *skate* ou de patins para andar de bicicleta apesar das placas de proibição. Notamos também jovens que brincam de realizar exercícios acrobáticos, como piruetas, estrelas, cambalhotas além de outros movimentos comuns em rodas de capoeira, na grama ou na areia, sem uma pré-determinação, sem um padrão, às vezes em grupo, outras vezes sozinhos.

Pessoas que podem ser moradores de rua ou não, que tiram os sapatos e se deitam no gramado à sombra nos dias de sol, e no sol nos dias mais frescos, para dormir ou descansar. Crianças que brincam com a água do bebedouro instalado próximo da pista de *skate* e que correm livremente na concha acústica que existe no local, e que apesar de mais de trinta anos de existência teve menos de 10 apresentações artísticas.

Famílias que passeiam pelos gramados, casais de namorados que escolhem um banco para ficar abraçados, torcedores que se sentam na praça antes ou depois de ir ao estádio, idosos que se sentam para tomar sol, enfim, este é o cotidiano desta Praça, com seus diferentes usos. Alguns são usos específicos, sistematizados, outros descontínuos, irregulares, assim também como as características físicas deste espaço/lugar (Figura 19).



Figura 19. Lazer na Praça Afonso Botelho.

### **Nossas Considerações: horizontes...**

Ao longo do período em que nos dedicamos a esta pesquisa, muitas dúvidas, questões e preocupações nos acompanharam. Provavelmente estas incertezas auxiliaram na busca dos esclarecimentos à nossa principal questão: quais as experiências no âmbito do esporte e do lazer que a Praça Afonso Botelho possibilita aos seus usuários?

Consideramos que outras questões foram pertinentes para fomentar um processo de reflexão, que nos desse a base para tratar o nosso problema e atingir nossos objetivos, entre elas: Porque algumas praças são apropriadas e outras não? Como é o planejamento das praças, como ocorre a manutenção destas, como é a programação das práticas? Como é a participação da comunidade? Existe esta participação?

O que podemos dizer, quanto ao planejamento urbano de Curitiba, é que muitos dos processos que inicialmente pensamos acontecer, não ocorrem da mesma forma que consta nos referenciais; muito do que é planejado não se efetiva totalmente, e quando se efetiva pode ser um pouco diferente do que estava nos projetos. Ou seja, há diferenças entre o discurso, entre o que está escrito e entre o que existe de fato.

Desta forma, ressaltamos que a cidade de Curitiba é uma metrópole contemporânea, onde encontramos problemas sociais iguais aos de outras cidades, como a violência, o desemprego, e desigualdades sociais no direito à habitação, à educação, à alimentação e ao lazer.

Assim, consideramos fundamental a abordagem da constituição de um espaço público, que através da gestão pública cria e mantém espaços dessa natureza, buscando uma “marca local distintiva” (Magnani, 2002) que atrai recursos financeiros, materiais e olhares de outros lugares e pessoas para a cidade que se desenvolve a partir de um planejamento urbano.

Esta realidade, segundo Magnani (2002, p.3) “propõe uma nova dinâmica, principalmente para os centros das cidades, pois, além de adequá-los com lugares de consumo, inaugura uma nova modalidade de consumo cultural, isto é, o consumo do lugar”.

Porém esta cidade vem sendo reconhecida por seu planejamento urbano, através de uma administração técnica, focada em um urbanismo que busca estabelecer o consumo dos lugares, com destaques às marcas e símbolos criados para promover a identidade dos habitantes, e por implantar na década de 1970 um modelo de transporte coletivo diferenciado juntamente com a preservação de áreas verdes.

Entretanto, esta criação de marcas e símbolos, a preservação das áreas verdes, a redução dos espaços nas residências, entre outras situações geradas pelo desenvolvimento da cidade, contribuíram para o surgimento de uma possibilidade de espaços para o lazer dos moradores: as praças públicas.

Curitiba tem hoje 416 praças públicas, distribuídas em nove regionais, sendo que em algumas praças encontramos a presença da SMEL, através de uma unidade descentralizada, conhecida como Centro de Esportes e Lazer. Ressaltamos que existem

no total 28 equipamentos como estes, divididos entre as praças e outros espaços como parques, eixos de animação, e ruas da cidadania. Este número parece um pouco tímido, se pensarmos que o número de habitantes segundo a PMC (2007) é de aproximadamente 1.700.000 e as praças, parques, eixos de animação, totalizam aproximadamente mil espaços com a finalidade para as experiências no âmbito do esporte e do lazer. (SMMA, 2006; IPPUC, 2007).

Como a cidade é reconhecida pela ênfase no planejamento urbano, acreditamos que também seria planejada a distribuição dos espaços públicos de lazer. Entretanto, o que podemos perceber a partir de alguns dados é uma implantação desigual de praças, parques e outros espaços. Em relação às praças, a distribuição ocorreu de forma desigual nas regionais, porque o planejamento se deu em virtude da ocupação desordenada da cidade. Como sabemos, o IPPUC foi criado no final da década de 1960, para solucionar os problemas decorrentes da rápida expansão de Curitiba, então, o que conseguimos confirmar é o que diz Bramante (1993), em geral estes espaços para o lazer são terrenos que sobram, sem levar em conta o entorno, sem um planejamento diferenciado.

Com relação à criação das praças, lembramos que estas, apesar dos diferentes tipos de entorno, dos diferentes bairros, seguem quase sempre um mesmo padrão em termos de equipamentos e mobiliários. São bancos de tronco de madeira, quadras de futebol e volei de areia, e parquinhos com o mesmo tipo de brinquedos.

Destacamos ainda, a iniciativa de revitalizar os espaços de lazer das cidades, os quais procuram permitir o acesso a novos usuários, que segundo Magnani (2002) colaboram para o aparecimento de outros problemas como a segregação, os guetos multiculturais e multiraciais, resultantes do processo de urbanismo a partir das tendências ditas modernas e pós-modernas.

Naquelas praças em que encontramos algum diferencial como a pista de carrinho de rolimã, na Praça Abílio Abreu, não há uma apropriação pelos moradores do entorno, conforme comentamos anteriormente (capítulo 1, p.6).

Em outras como a Praça Antonio Bertolli, e a Praça da Liberdade, o espaço físico, o terreno da praça é dividido com alguns equipamentos sociais<sup>47</sup> (creche, armazém da família, farol do saber), o que resulta em um espaço restrito para as práticas no âmbito do esporte e do lazer.

Há o caso de um espaço que possui a área de 65 mil m<sup>2</sup>, a maior praça em metragem da cidade, mas, é constituída apenas por um bosque preservado, que não demonstra se há condições de uso, por estar murado e fechado. Nos registros do IPPUC e da SMMA, encontramos a denominação de Praça Escola Teutônio Vilela, provavelmente por ser localizada próxima a esta escola.

Esta situação de praças que não receberam uma nomeação, mas que a comunidade reconhece por alguma referência, também se repete no espaço conhecido como Praça do Semeador. Localizada no bairro Sítio Cercado, próximo do Ribeirão dos Padilhas, esta área foi recuperada a partir de uma ocupação irregular, e, portanto, acreditamos que ali se estabeleceu uma comunidade carente, especialmente em função da condição sócio - econômica.

Um fato muito importante que encontramos nesta praça é a apropriação do espaço público de forma privada. Em um domingo de manhã, foi possível observar, e conferir a partir do relato de alguns moradores, que um dos campos de futebol desta praça, é demarcado com cercas, possui uma edificação com vestiários, e que há jogos e aulas

---

<sup>47</sup>“**Equipamentos Sociais** – Que são todos os estabelecimentos voltados ao atendimento de necessidades básicas da população, equipamentos estes que podem ser mantidos tanto pelo setor público quanto pelo privado; ex. Unidades de saúde, hospitais, creches, escolas, museus, bibliotecas, albergues, etc”. Disponível em <[http://ippucnet.ippuc.org.br/BancodeDados/CuritibaemDados/anexos/Equipamentos%20Urbanos\\_Conceito.pdf](http://ippucnet.ippuc.org.br/BancodeDados/CuritibaemDados/anexos/Equipamentos%20Urbanos_Conceito.pdf)> Acesso em 27 de fevereiro de 2007.

organizados de forma sistemática, e quem participa paga em dinheiro, um valor mensal.

Esta privatização do espaço é realizada por pessoas envolvidas com a Associação de Moradores do Bairro Novo (nome da regional), que possuem relações políticas com algum candidato a cargo legislativo da cidade, e ainda com um time de futebol profissional, e assim, utilizam este espaço de forma a obter recursos, segundo informações obtidas com dois moradores que assistiam ao jogo de futebol, nesta ocasião. Porém não conseguimos informações sobre a aplicação destes recursos; se é para ajudar a comunidade, ou se é para outra finalidade.

Outro problema comum à maioria das Praças é a manutenção. Conforme comentou o representante da SMMA em entrevista, (capítulo2, p.37), existem programas específicos para a manutenção destes espaços e equipamentos. Porém, o que vemos, é que existem três órgãos ou mais envolvidos neste processo: o IPPUC, a SMMA, a SMEL, e as Administrações Regionais. Sem considerar órgãos que possuem unidades em algumas praças, como Secretaria do Abastecimento (Armazém da Família), Secretaria de Educação (Creches e Escolas), Secretaria de Saúde (Posto de Saúde) entre outros.

A gestão reforça que há várias formas para esta manutenção, mas as solicitações devem vir a partir das Administrações Regionais, que por sua vez recebem solicitações dos moradores, ou do coordenador da SMEL, ou de outro órgão, quando há uma unidade na Praça. Ou, em alguns casos através de solicitações da comunidade pela central 156. Então se uma lâmpada queimou em uma praça, a partir da solicitação até a substituição, vários dias podem se passar. Praças como a Zumbi dos Palmares, e Abílio Abreu são provas deste abandono, desta demora, ou deste padrão do sistema de solicitação e do sistema de manutenção.

Da mesma forma, o problema se confirmou na discussão que presenciamos a partir da reivindicação dos *skatistas*, na Praça Afonso Botelho com o coordenador da unidade

da SMEL. Os *skatistas* afirmavam que não estavam sendo ouvidos, e o coordenador apresentando cópias das solicitações, feitas à Administração Regional. Estas situações revelaram que há uma “certa” imobilização no processo burocrático do poder público, onde o coerente seria uma agilidade no processo em prol dos usuários destes serviços.

Ressaltamos ainda a situação da Praça Oswaldo Cruz que é considerada modelo de Centro de Esportes e Lazer, para a SMEL, segundo a superintendente, Simone da Graça das Chagas Lima, em entrevista:

Apesar de ser muito antiga, é onde se concentra o maior número de atividades, porque o espaço físico permite. Tem uma quadra coberta, uma piscina aquecida... Pista de atletismo, sala de musculação, salas de ginástica... Então eu diria que a Oswaldo Cruz é um modelo para nós, tanto de funcionamento quanto de atividades.

A localização desta Praça é na Regional Matriz, a área mais central da cidade, e há uma grande demanda, por parte dos usuários, porém a oferta não é suficiente para atender a todos e, principalmente uma grande parcela da população mais carente, que mora na periferia.

Outra situação a considerar é a respeito da Praça Ouvidor Pardinho, que possui um centro de atendimento ao idoso. Nesta Praça está localizado o único posto de saúde, a única piscina pública coberta da cidade, exclusiva para esta população, sendo que a estimativa é de aproximadamente 155 mil idosos, em Curitiba. É notório que uma única unidade com esta finalidade não tem capacidade para atender toda esta demanda.

Com relação à programação dos Centros de Esporte e Lazer, sabemos que há uma diretriz por parte da SMEL para a atividade física e saúde. As práticas são definidas pelo corpo técnico desta Secretaria, mas a oferta de serviços, programas esportivos e de lazer são realizadas pela gestão naquelas praças em que há a presença da SMEL, ou em locais solicitados pela comunidade.

O que podemos dizer é que esta diferença entre quem planeja os programas e entre quem os executa torna pouco exequível esta padronização, pois há uma grande lacuna, que engloba desde a formação dos profissionais da área de Educação Física, até o número de profissionais disponíveis nestes Centros, além da programação ser um tanto frágil, porque se sustenta em apenas uma condição, a atividade física voltada para a saúde.

Sabemos que isto acontece em quase todo programa de gestão pública. Sempre existem dificuldades na execução e sistematização, seja por falta dos recursos humanos e materiais, ou seja, pela proposta.

Outro aspecto comum em termos de gestão pública é que as atividades são planejadas sem um levantamento junto à comunidade sobre seus interesses, suas vontades. Muitas vezes o planejado não se efetiva, pois não há interesse da comunidade, em realizar o que se está propondo, em outros casos as práticas no âmbito do lazer têm uma conotação limitada à vertente recreativa, provavelmente em função da facilidade de execução, e de material que se tem disponível. Este fato remete para a situação dos equipamentos como dos teatros ao ar livre, que encontramos nas Praças Afonso Botelho, da Colonização Menonita, e Zumbi dos Palmares e que raramente são utilizados com a finalidade a que se destinam.

Talvez haja uma dissonância entre o que a gestão oferece e os interesses dos usuários. Isto pode se confirmar como desencontros também nas atitudes, nas ações. Os programas são descontínuos, não consideram as expectativas da comunidade e raramente oferecem alguma novidade, ou uma ampliação destas possibilidades.

Mas, existem as ofertas de serviços e se estes não são os mais adequados, abre-se uma oportunidade para a organização política dos cidadãos, que se não participam da gestão da cidade, ao menos são citados por esta gestão como sendo participantes.

Então, consideramos que esta maneira da participação, exige também uma mudança, de participação passiva para ativa, ou seja, precisa partir do interesse destes cidadãos.

Sendo assim, podemos dizer que a cidade que é reconhecida como modelo de gestão para tantas outras, tropeça em aspectos comuns a várias outras cidades, tanto na questão dos problemas sociais, como na resolução destes.

Desta forma, acreditamos que este estudo abre uma possibilidade de reflexão sobre o que se espera da gestão pública, o que acontece de fato, e o que os gestores acreditam que estão realizando. Por outro lado, percebemos que independente desta gestão, os vários segmentos de pessoas do entorno das praças e de outras regiões da cidade, se organizam para realizar suas experiências no âmbito do esporte e do lazer nestes espaços.

Porém, quando focalizamos um espaço como a Praça Afonso Botelho, procuramos enumerar alguns pontos do cotidiano dos moradores do entorno desta praça, e sua relação com a dinâmica do tempo/espaço do lazer, elaborando algumas considerações:

Primeiramente destacamos que, segundo Magnani (2002), o fenômeno urbano e o encontro dos habitantes da cidade no espaço público, permitem um “olhar de perto e de dentro” para depois refletir na “perspectiva de um olhar distanciado, indispensável para ampliar e complementar a análise”.

Portanto, ao interagir com os usuários da praça, abordando-os sobre sua presença e suas atividades neste ambiente, observando-os no dia-a-dia, e entrevistando gestores, identificamos quais as práticas no âmbito do esporte e do lazer que se efetivam, investigamos as formas de usos e de apropriação, verificando como se dá a organização dos grupos sociais.

Conforme registramos, há nesta praça um encontro diário de pessoas e grupos que se formam em função de práticas específicas, em função de laços afetivos com o lugar,

com os outros, de forma singular, que certamente diferencia esta Praça das demais. Esta diferenciação é por conta das “pessoas ordinárias com suas práticas gazeteiras”, “nas maneiras de fazer”, “inventar o seu cotidiano” que fazem desta praça “um lugar praticado” (CERTEAU, 1994).

É neste envolvimento diário, com os atores sociais deste espaço que percebemos as nuances dos códigos estabelecidos por objetivos comuns, por necessidades similares, por uma carência de relações sociais que antigamente aconteciam com maior frequência e consistência. E por que não dizer até mesmo pela redução do tempo que a família dispõe nos dias atuais para manter o relacionamento afetivo em casa, impulsionando as relações para a rua.

Consideramos, portanto que as experiências no âmbito do esporte e do lazer em espaços públicos das cidades podem facilitar a potencialização da participação comunitária, porque segundo Rechia (2003, p.82),

Contemplam territórios da vida urbana, em que grupos/indivíduos co-dividem, num mesmo espaço, maneiras extremamente diversas de apropriação desses lugares, muitos deles de forma mais isolada, outros em grupos, outros ainda interagindo em redes mais ou menos informais. De qualquer maneira, sempre dimensionando novos sistemas de valores, de imagens, de códigos, de formas de pensar e exprimir-se diferencialmente nesse espaço público.

Acreditamos que forma-se uma relação entre os espaços, os usuários e a gestão pública, de uma forma peculiar, em que se percebe a formação de grupos, por um objetivo comum, a formação por necessidades comuns, ou apenas para vivenciar uma prática em conjunto. Esta organização faz surgir uma relação de interdependência entre os sujeitos, em que se compartilham valores, comportamentos, e acima de tudo, relações de sociabilidade e de respeito.

Então, consideramos que as experiências no âmbito do esporte e do lazer, possibilitadas nesta praça pública de Curitiba, sofrem a influência da gestão em alguns

aspectos como a manutenção e revitalização dos espaços, pela presença da Polícia Militar, da SMEL, mas sem dúvida pela questão da apropriação da comunidade do entorno com a dinâmica que surge das relações mais simples, do bom dia ao caminhar, passando pelas relações de pertencimento ao mesmo grupo na prática de uma atividade, até a reclamação contundente da falta de segurança, de sanitários ou de material e manutenção.

Enfocamos ainda a questão da falta de tempo, tão fundamental nos processos sociais, que vinculado às obrigações e ao trabalho, dificulta, mas não impede que estes usuários possam escolher de que forma realizar suas experiências no âmbito do esporte e lazer nas Praças de Curitiba.

Consideramos ainda, que embora estas experiências estejam restritas ao tempo, e a práticas vinculadas à competição, ao desempenho, afirmamos que estes usuários escolhem, por sua própria vontade, as suas experiências no âmbito do esporte e do lazer.

Porém resta uma questão: é possível que os usuários percebam alternativas para buscar as experiências no âmbito do esporte e do lazer, que não sejam estas práticas do volei, do *skate* e do futebol, condicionadas à saúde, à competição, ao desempenho?

Acreditamos que as experiências no âmbito do esporte e do lazer, poderiam ter outra dinâmica, com ênfase ampliada, a partir da educação do cidadão pela escola, pelas políticas públicas, e por outras instâncias da sociedade, para realizar estas experiências por uma livre escolha, pelo poder de criação, pela ludicidade, contribuindo para uma melhor sociabilidade e para uma participação ativa na comunidade.

## Referências

AMARAL, S. C. F. **Políticas públicas de lazer e participação cidadã**: entendendo o caso de Porto Alegre. Campinas, 2002.192p. Tese de doutorado em Educação Física do Departamento de Educação Física, Unicamp.

BAHLS, A.V. **O verde na metrópole**: a evolução das praças e jardins em Curitiba (1885-1916). Curitiba, 1998. 225 p. Dissertação de mestrado em História do Departamento de História, UFPR.

BRAMANTE, A.C. **Lazer**: concepções e significados. **Revista Licere**, v.1,n.1, p. 9 -17, 1998.

BRAMANTE, A.C. Recreação e Lazer: o futuro em nossas mãos. *In*: Moreira, W.W. (org) **educação física e esportes**: perspectivas para o século XXI.(Org.). Campinas, S.P: Papirus, 1993. p. 161 – 179.

BRUHNS, H.T. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas, São Paulo: Editora Papirus,1993.

BRUHNS, H.T. De Grazia e o lazer como isenção das obrigações. *In*: Bruhns, H.T. (Org.) **Lazer e Ciências Sociais** – diálogos pertinentes. São Paulo: Editora Chronos, 2002. p 17 – 39.

CARLOS, A.F.A. **“Novas” contradições do espaço**. *In*: O Espaço no fim de século: a nova raridade. Amélia Luisa Damiani, Ana Fani Alessandri Carlos, Odette Carvalho de Lima Seabra. (Org.) São Paulo: Contexto, 1999.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, M. *et al.* **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

COMTE, A. S. **Dicionário filosófico**. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

CORRÊA, L.R. **O espaço urbano**. Série princípios. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

DA MATTA, R. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

DE GRAZIA, S. **Tiempo, trabajo y ocio**. Madri: Editorial Tecnos, 1966. 375p.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

GARCIA, F.E.S. **Cidades espetáculo**: política, planejamento e city marketing. Curitiba: Palavra, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – Banco de dados/2005. Disponível em ><http://www.ippuc.org.br>< Acesso em 29 nov. 2005.

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – Banco de dados/2005. Disponível em ><http://www.ippuc.org.br>< Acesso em 15 nov. 2006.

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Disponível em ><http://www.ippuc.org.br/curitibaemdados>< Acesso em 13 de nov. 2006 e Acesso em 22 de fev. 2007.

JACOBI, P.R. **Políticas sociais e ampliação da cidadania**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAVILLE, C. e DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LUCHIARI, M. T. D.P. **A categoria espaço na teoria social**. **Revista Temáticas**, Campinas, 4 jan/jun 1996.

MAGNANI, J.G.C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v.17, n.49. São Paulo: Anpocs, 2002.

MASCARENHAS, F. **Lazer como prática da liberdade: uma proposta educativa para a juventude**. 2. ed. Goiânia: Editora UFG, 2004.

MASCARENHAS, F. **Tempo livre**. *In: Dicionário Crítico de Educação Física*. González, F.J.; Fensterseifer, P. E. (Org.). Editora Unijuí, 2005. p. 397-399.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. **Orientações sobre plano diretor participativo, planejamento territorial e estatuto da cidade** Disponível em ><http://www.cidades.gov.br>< Acesso em 15 mar. 2006.

PMC. Prefeitura Municipal de Curitiba. Secretaria Municipal de Esportes e Lazer. **Programas de Esporte e Programas de Lazer**. Disponível em ><http://www.curitiba.pr.gov.br/secretarias>< Acesso em 15 ago.2006.

RECHIA, S. **O pulsar da vida urbana: o espaço, o lugar e os detalhes do cotidiano**. *In: Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias*. João Eloir de Carvalho (Org.). Curitiba: Champagnat, 2006.

RECHIA, S. **Parques públicos de Curitiba: A relação cidade-natureza nas experiências de lazer**. Campinas, 2003. Tese de Doutorado em Educação Física, Departamento de Educação Física. Unicamp.

ROBBA, F. e MACEDO, S.S. **Praças brasileiras**. 2.ed. São Paulo: Editora da USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

SCHWARTZ, G.M. **Atividade lúdica**. *In*: Dicionário Crítico de Educação Física. Fernando Jaime González; Paulo Evaldo Fensterseifer (Org.). Editora Unijuí, 2005. p.35-37.

SEGAWA, H. **Ao amor do público**: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, 1996. p. 31-49.

SEMMA - Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Belém, disponível em <[http://www.belem.pa.gov.br/semma/paginas/pracas/pc\\_dalcidio.htm](http://www.belem.pa.gov.br/semma/paginas/pracas/pc_dalcidio.htm)> Acesso em 20 de novembro de 2005.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 847p.

SOUZA, M.L. e RODRIGUES, G.B. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. Coleção Paradidáticos- série sociedade, espaço e tempo. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TUAN. Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao paraíso**. Campinas: Editora Edunicamp, 1996.p. 11-58.

## APÊNDICE A

### PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DAS PRAÇAS

IDENTIFICAÇÃO:

ENDEREÇO:

TELEFONE:

DATA: (REALIZAÇÃO DA VISITA)

CONTATO:

ÁREA TOTAL:

criação:

ORIGEM:

FINALIDADE:

EQUIPAMENTOS	OBJETIVOS	DESCRIÇÃO	ACESSIBILIDADE	CONDIÇÕES	APROPRIAÇÃO

Listar / explicar projetos e atividades desenvolvidos nestes espaços (gestão pública)

Qualidade ambiental

1. Possui árvores?

2. Qual a porcentagem do espaço total que possui árvores? Calcule aproximadamente quantas árvores (50, mais de 50, 100).

3. Possui vegetação?

4. Qual a porcentagem de área que ocupa?

5. Esta vegetação é jardim construído, ou preservação de área natural?

6. Possui espaços com água?

7. Qual a porcentagem de área que ocupa?

8. Tipo do espaço (fonte, chafariz, rio, outros)

9. A localização dos equipamentos e mobiliários é próximo dos locais onde há árvores e vegetação ? (na maior parte, em uma pequena parte)

10. Há sombra, próximo dos locais onde há bancos, e dos brinquedos para as crianças? (na maior parte, em uma pequena parte)

11. Quanto aos níveis do terreno são: único, inclinado, com ondulações, vários níveis ou plano (especificar).

12. Quanto à iluminação, como é? (Postes, holofotes, quantos aproximadamente, funcionam, a partir de que horário, a localização favorece o uso dos espaços também à noite?)

13. É permitido cães (sim, não, não é claro ou não há placas)

14. Há pichação? Grafiteagem permitida?

Instalações e acessibilidade (para pessoas com mobilidade limitada ou reduzida)

1. Há vagas para estacionamentos? Calcule aproximadamente quantas.

2. No estacionamento há vagas preferenciais? Controladas ou não?

3. Há banheiros? Quantos? Fechados ou não? Pagos ou não?

4. Há banheiros projetados que facilitam o acesso para Portador de Necessidades Especiais?

5. Há transporte público próximo? Calcule a distância aproximada.

6. Há cercas ou muros? Em todo o redor, em uma parte, com portões que são trancados, ou não?

7. Quantas lixeiras existem no local?

8. Existem bebedouros? Quantos?

9. Que outros mobiliários existem no local? (Mesas, bancos, churrasqueiras, quiosques, cafés, lanchonetes, bancas de revista). Descreva, e quantifique.

10. Como é o entorno? Ruas, cruzamentos, comércio, residências.

11. Segurança para pedestres? Passagem com faixa, guarda de trânsito?

12. Segurança dos usuários? Módulos, Guarda Municipal ou Polícia Militar?

## **APÊNDICE B**

### **ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM USUÁRIOS DA PRAÇA AFONSO BOTELHO.**

#### Dados pessoais

1. Nome
2. Qual sua faixa etária?
3. Qual seu nível de instrução?
4. Qual sua principal ocupação?
5. Sexo
6. Onde mora (bairro)

#### Entrevista

7. Com que frequência você vem à praça?
8. Com qual finalidade vem aqui?
9. Quanto tempo costuma permanecer?
10. Qual (is) equipamento(s) que utiliza?
11. O que mais gosta?
12. O que gostaria?
13. Costuma vir acompanhado (a)? Costuma se encontrar com outras pessoas que conhece aqui? Já conheceu alguém vindo à praça?
14. Como percebe as condições (estrutura) da praça?
15. O que você pensa da manutenção dos espaços e dos equipamentos desta praça?
16. Você conhece as atividades ofertadas aqui?
17. Participa de alguma atividade organizada por algum órgão ligado à este lugar?
18. Como vê a intervenção da gestão pública nesta praça?
19. Conhece outras praças? Quais?
20. Tem sugestões?

## **APÊNDICE C**

### **ROTEIRO PARA ENTREVISTAS – GESTÃO PÚBLICA**

#### **Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba - IPPUC**

Praças de Curitiba:

1. Na criação e implantação das praças a partir da década de 70, quais critérios foram considerados pelo IPPUC?
2. Qual é o processo de criação de uma praça?
3. Há algum modelo pré - estabelecido?
4. Há algum tipo de classificação para as praças?
5. Qual a finalidade das praças para o IPPUC?
6. O que se espera que aconteça quando uma praça é criada?
7. Quem define a localização, nome, equipamentos e mobiliários das praças?
8. Como é realizada a manutenção das praças? Uma vez implantada, a praça continua sendo responsabilidade do IPPUC?
9. Há algum projeto ou programa para revitalização ou manutenção de praças? É responsabilidade do IPPUC?
10. A opinião dos moradores é considerada durante o processo de criação e/ou revitalização de uma praça?
11. Neste caso é feita alguma consulta ou pesquisa?

Praça Afonso Botelho:

1. De que forma esta praça é vista pelo IPPUC?
2. O que aconteceu para que ela fosse revitalizada?
3. Qual foi o envolvimento da comunidade para que isto ocorresse?
4. Houve pesquisa ou seguiu critérios pré – estabelecidos?
5. Na época da revitalização, houve algum contato com os dirigentes do Clube?
6. Que equipamentos e mobiliários foram colocados e retirados (substituídos) na revitalização? Por quê?
7. Existe alguma praça que tenha mais destaque, como se fosse um símbolo ou marco para o IPPUC e para a cidade?

#### **Secretaria Municipal do Meio Ambiente – SMMA**

Praças de Curitiba:

1. Como é realizada a manutenção das praças? A que critérios obedece.
2. Há algum projeto ou programa para revitalização ou manutenção de praças?
3. A opinião dos moradores é considerada durante o processo de manutenção e/ou revitalização de uma praça?
4. Neste caso é feita alguma consulta ou pesquisa?
5. No caso dos equipamentos, quem determina quais e onde são colocados?
6. Estes equipamentos seguem algum padrão pré-estabelecidos?

Praça Afonso Botelho:

1. De que forma esta praça é vista pela SMMA?
2. O que aconteceu para que ela fosse revitalizada?

3. Qual foi o envolvimento da comunidade para que isto ocorresse?
4. Houve pesquisa ou seguiu critérios pré – estabelecidos?
5. Na época da revitalização, houve algum contato com os dirigentes do Clube?
6. Que equipamentos e mobiliários foram colocados e retirados (substituídos) na revitalização? Por quê?
7. Existe alguma praça que tenha mais destaque, como se fosse um símbolo ou marco para a SMMA e para a cidade?

### **Secretaria Municipal de Esportes e Lazer – SMEL**

#### **Praças de Curitiba:**

1. Quais são os programas desenvolvidos nas praças de Curitiba pela SMEL?
2. Com qual frequência e qual a finalidade?
3. Como é escolhida a praça para que possua uma unidade da SMEL?
4. Os equipamentos existentes nas praças são de responsabilidade da SMEL? E quanto à escolha destes equipamentos?
5. Qual a forma de participação da comunidade nos programas?
6. Para a elaboração destes programas é realizada alguma consulta ou pesquisa com a comunidade?
7. Existem parcerias público-privadas nestes espaços?
8. Quais são as dificuldades enfrentadas pela SMEL nas praças?
9. Existe alguma praça que tenha mais destaque, como se fosse um símbolo ou marco para a SMEL e para a cidade?

#### **Praça Afonso Botelho:**

1. Como é a ligação da comunidade com a SMEL, nesta praça?
2. Há algum tipo de solicitação por parte dos usuários?
3. Como são atendidas estas solicitações?
4. Há algum programa ou projeto específico para esta praça?
5. Quem são os representantes da SMEL nesta praça, e quais suas funções ou ocupações.
6. Existe ou existiu em algum momento envolvimento por parte do clube (CAP), ou dos torcedores?
7. Existem parcerias público-privadas para esta praça?

APÊNDICE D

CROQUI PRAÇA AFONSO BOTELHO

